

Análise do tratamento lexicográfico dos táxones zoológicos nos dicionários gerais de referência das línguas portuguesa e espanhola

CARLOS GARRIDO

Universidade de Vigo/Comissom Lingüística da Associaçom Galega da Língua

1. INTRODUÇÃO

Entre o vocabulário de cariz científico, especializado e terminológico que os grandes dicionários gerais de referência das diversas comunidades linguísticas podem e devem registar, o correspondente às denominações de grupos de seres vivos (espécies, géneros, famílias, ordens, etc.) representa um subconjunto importante, tanto pelo que diz respeito ao seu volume quanto à sua significação para a constituição do *horizonte comunicativo* do cidadão culto contemporâneo. Com efeito, se, já à partida, o número de grupos de organismos formalmente reconhecidos e nomeados pela ciência é descomunal¹, dois fatores determinam que uma quantidade *relativamente* elevada deles mereça ser refletida num grande dicionário geral, de vocação cultural²: em primeiro lugar, deve ter-se em conta que não é pequeno o número de grupos de organismos que, em línguas de cultura de grande extensão geográfica, como o português e o espanhol, recebem *denominações vernáculas de carácter popular*, vinculadas sobretudo a espécies ou géneros autóctones, conspícuos ou relevantes para a saúde, alimentação e atividades humanas; em segundo lugar, o conhecimento ativo ou passivo de muitos grupos de organismos inconspícuos, exóticos, pré-históricos ou de exclusivo reconhecimento científico, designados mediante *nomes vernáculos eruditos* ou mediante *nomes paracientíficos* (v. *infra*), faz hoje parte da bagagem conceptual do cidadão culto (não especialista), numa altura em que, felizmente, o ensino e a divulgação da ciência (através de tradução) e a consciencialização para a

¹ Assim, deixando de parte fungos e procariontes, têm sido descritas c. 1.700.000 espécies de animais e c. 600.000 de plantas, classificadas em milhares de grupos supraespecíficos (géneros, famílias, ordens, classes, filos, etc.).

² Assim, Rey (1985: 5, *apud* Béjoint, 1988: 353) estima que, das 40.000 entradas do *Grand Robert* que não são palavras comuns (ao todo, este dicionário contém c. 80.000 verbetes), a maior parte corresponde a vocabulário terminológico, e Landau (1984: 21) orça em mais de 40% os verbetes do *Webster's Third New International Dictionary* que são de índole técnica ou científica.

conservação da biodiversidade atingem camadas sociais cada vez mais alargadas (cf. Garrido, 2000; Fontova i Hugas e Montes Pérez, 2002; Collini, 2010: LXI, LXII).

Por conseguinte, achamos que se reveste de grande interesse o estudo do tratamento lexicográfico dispensado na atualidade às denominações de grupos de organismos, e particularmente às de caráter zoológico, nos dicionários gerais de referência das diversas comunidades linguísticas. Ora, tal estudo ainda adquire maior relevância no caso dos dicionários dos países de expressão portuguesa e espanhola, porquanto se trata de duas comunidades linguísticas de enorme extensão geográfica, em que os utentes da respetiva língua estão em contacto com muito diversas *ecologias* (floras e faunas), tendo-se assim gerado uma rica zoonímia e fitonímia de caráter popular, e porque, ao mesmo tempo, se trata de países, os de expressão portuguesa e espanhola, que, em relação a outras grandes comunidades que utilizam línguas europeias, têm mostrado tradicionalmente um certo atraso no cultivo da ciência e, em particular, no estudo sistemático da diversidade biológica (cf. Garrido, 2000: 253, 254).

Nesta linha, o presente trabalho analisa o modo em que os três grandes dicionários gerais de referência das línguas portuguesa e espanhola (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências de Lisboa, 2001 [= *DACL*]; *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001 [= *DH*], e *Diccionario de la Lengua Española*, da Real Academia Española, 22.^a ed., 2001 [= *DRAE*])³ tratam as unidades lexicais que denotam grupos de animais, o que nos permitirá efetuar uma diagnose bem fundamentada da qualidade de tal tratamento lexicográfico, concebida como estímulo e orientação para ulteriores melhoramentos. Em correspondência com a vocação cultural e padronizadora destas três obras, i. é, com a sua aspiração a constituírem grandes dicionários gerais de referência nos seus respetivos âmbitos linguísticos, a nossa diagnose, apoiada pelo conhecimento da sistemática zoológica, será acometida lançando mão dos critérios que consensualmente assinalam a qualidade do labor lexicográfico neste domínio: *abrangência e representatividade, rigor conceptual, correção formal e clareza expositiva*⁴.

³ Trata-se, portanto, de três dicionários de publicação recente, de grande ou muito grande extensão (*DACL*: c. 70.000 verbetes; *DH*: c. 230.000 verbetes; *DRAE*: c. 80.000 verbetes), de focagem geral, projeção pan-lusófona ou pan-hispânica e caráter normativo ou padronizador (cf. Gutiérrez Cuadrado, 2002), circunstância esta última que lhes advém do facto de ser uma instituição investida de prestígio e reconhecimento social a responsável pela sua elaboração (Academia de Língua ou Instituto de Lexicografia). No caso do dicionário *Houaiss*, brasileiro, ao tratar-se sobre aspetos de variação geográfica, fazer-se-á referência também à versão da obra adaptada para a variedade lusitana do português (2003; = *DH-Pt*) e, no caso do dicionário da Real Academia Española, também, ocasionalmente, a artigos previstos para a sua vigésima terceira edição (ainda inédita), os quais são disponibilizados no sítio internetico daquela instituição (www.rae.es).

⁴ A esse respeito, não será descabido indicar aqui que, para nós, um claro padrão de qualidade lexicográfica no tratamento da zoonímia é constituído pelos dicionários gerais de referência do âmbito anglo-saxónico, os quais, nessa parcela, e como fruto da feliz conjunção de uma série de fatores socioculturais (extensíssimo domínio geográfico da língua, rica tradição lexicográfica, rica tradição de observação e descrição da natureza por parte de amadores e de especialistas, grande desenvolvimento técnico-científico...), se salientam pelo seu rigor e clareza. Nomeadamente, no presente estudo referir-nos-emos nalgumas ocasiões, a modo de comparação, ao *Shorter Oxford English Dictionary* (4.^a ed., 1993 [*New Shorter Oxford English Dictionary*], versão eletrónica; abrev. *SOED*).

Com o intuito de facilitarmos a compreensão dos enunciados que seguem, neste ponto esclarecemos alguns conceitos importantes atinentes à sistemática biológica e à zoonímia. Em primeiro lugar, deve saber-se que um grupo de organismos formalmente definido e designado (o qual, para a sistemática filogenética, sempre deve representar uma unidade natural, evolutiva), adscrito a qualquer categoria taxonómica, recebe em biologia o nome de *táxon*⁵. Por outro lado, para denotar um táxon, podem estar disponíveis até três níveis designativos ou três tipos de denominações (cf. Garrido, 2000: 253, 254; Garrido e Riera, 2011: 254, 255): *nome científico* (latino ou latinizado e de validade internacional; ex.: *Vertebrata*, *Passeriformes*, *Corvidae*, *Garrulus glandarius*), *nome paracientífico* (surgido diretamente através de [ligeira] adaptação do nome científico à correspondente língua vernácula; ex.: port. *Vertebrados* / esp. *Vertebrados*, port. *Passeriformes* / esp. *Paseriformes*, port. *Corvídeos* / esp. *Córvidos*) e *nome vernáculo* (peculiar da correspondente língua vernácula; ex.: port. *gaio* / esp. *arrendajo*). Na seguinte tabela, aduzem-se exemplos adicionais dos três tipos de denominações de táxon.

Tabela 1: Nomes científicos (internacionais) e nomes paracientíficos e vernáculos portugueses e espanhóis correspondentes a vários táxones zoológicos de diversas categorias

Nome científico	Nome paracientífico	Nome vernáculo
Chordata	Cordados / Cordados	—
Scyphozoa	Cifozoários / Escifozoos	— (≈ «(grupo das) alforrecas» / «(grupo de las) medusas o aguamalas»)
Hirudinea	Hirudíneos / Hirudíneos	— (≈ «(grupo das) sanguessugas» / «(grupo de las) sanguijuelas»)
Felidae	Felídeos / Félidos	—
<i>Diplodocus</i>	diplódoco / diplodoco	—
<i>Phoenicurus</i>	— / —	rabirruivo / colirrojo
<i>Phoenicurus ochrurus</i>	— / —	rabirruivo-preto / colirrojo tizón
<i>Orycteropus afer</i>	oricteropo / oricteropo	porco-formigueiro / cerdo hormiguero

Por sua vez, os nomes vernáculos de táxon podem ser verdadeiramente *populares*, quando fazem parte da língua comum e denotam grupos de organismos de conhecimento geral e/ou que ocorrem de modo conspícuo no domínio geográfico da correspondente comunidade linguística (ex.: port. e esp. *hipopótamo*; port. *rabirruivo* / esp. *colirrojo*, denominações que se referem a pássaros ibéricos do género *Phoenicurus*), ou

⁵ Por conseguinte, e recorrendo aos níveis hierárquicos básicos da sistemática zoológica tradicional, um táxon (grupo de organismos) pode ser uma subespécie (ex.: *Panthera leo persica*, o leão-asiático), uma espécie (ex.: *Panthera leo*, o leão), um género (ex.: *Panthera*), uma família (ex.: Felidae ou Felídeos), uma ordem (ex.: Carnivora ou Carnívoros), uma classe (ex.: Mammalia ou Mamíferos), um filo (ex.: Chordata ou Cordados), um reino (ex.: Animalia ou Animais), etc. Infelizmente, dentre os três dicionários aqui focalizados, a voz *táxon*, assaz útil mesmo para a redação lexicográfica (como muito bem argumenta o ilustre académico e zoólogo espanhol Rafael Alvarado [1982: 31, 32]), só consta bem definida no dicionário *Houaiss*, já que do *DAEL* ela está ausente, e na 22.^a ed. do *DRAE* ela surge provida de uma definição pouco clara, ambígua pela possível confusão com o conceito próximo de *categoría taxonómica* («**taxón** o **taxon**. (Palabra creada sobre *taxonomía*). I. m. *Biol*. Cada una de las subdivisiones de la clasificación biológica, desde la especie, que se toma como unidad, hasta el filo o tipo de organización»).

eruditos, quando instaurados, numa determinada língua, «de modo artificial» (por parte de especialistas), quer através do *empréstimo/decalque* e/ou da *composição*, para denotar táxones exóticos ou inconspícuos (ex.: port. *carriça-australiana*, para os pássaros australianos da família Maluridae; port. *daimão*, para o mamífero africano *Procavia capensis*; port. *milípede*, para os representantes do grupo Diplopoda; port. *quivi*, para as aves neozelandesas do género *Apteryx*; port. *aranha-do-mar*, para os representantes do grupo Picnogonida), quer mediante *restrição específica de nomes vernáculos populares*, para denotar espécies indiferenciadas na designação vernácula popular (ex.: port. *rabirruivo-de-testa-branca* / esp. *colirrojo real* e port. *rabirruivo-preto* / cast. *colirrojo tizón*, para, respetivamente, as espécies ibéricas *Phoenicurus phoenicurus* e *Ph. ochrurus*; port. *hipopótamo(-comum)* ou *hipopótamo(-do-nilo)* e *hipopótamo-pigmeu*, para, respetivamente, as espécies *Hippopotamus amphibius* e *Choeropsis liberiensis*).

De harmonia com o objetivo proposto, a seguir, o presente estudo analisa e avalia o tratamento lexicográfico dispensado aos táxones zoológicos nos três dicionários em foco, atendendo, em primeiro lugar, à macroestrutura das obras (secção 2.1) e, em segundo lugar, à microestrutura ou configuração das definições (secção 2.2). Finalmente, deve ter-se em conta que quase todas, se não todas, as constatações e conclusões deste estudo também são pertinentes em relação ao tratamento lexicográfico dos táxones não zoológicos (grupos de plantas, fungos, etc.), e que algumas das questões exploradas neste artigo, pela sua complexidade, aqui apenas poderão ser perfiladas ou esboçadas, ficando, então, pendente para posteriores trabalhos uma abordagem mais aprofundada.

2. DESCRIÇÃO E AVALIAÇÃO DO TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DAS VOZES DESIGNATIVAS DE TÁXONES ZOOLOGICOS NO *DACL*, NO *DH* E NO *DRAE*

Para organizarmos uma exploração sistemática do tratamento lexicográfico das vozes designativas de táxones zoológicos, efetuamos nesta alínea uma inspeção dos diferentes domínios constitutivos dos dicionários aqui considerados, analisando sucessivamente as respetivas macroestruturas e microestruturas⁶.

2.1. *Análise macroestrutural do tratamento lexicográfico*

A análise do tratamento lexicográfico dos táxones zoológicos no nível macroestrutural visa aferir o estado de uma série de variáveis que se prendem com a constituição da nomenclatura dos dicionários (alíneas 2.1.1 e 2.1.2) e com a configuração dos seus lemas e verbetes (alínea 2.1.3), aspetos estes que determinam a *abrangência* e *representatividade* e a *clareza expositiva* do correspondente tratamento lexicográfico.

⁶ A classificação de domínios lexicográficos aqui seguida baseia-se na tipologia de variáveis envolvidas no delineamento de dicionários proposta por Atkins (2008: 35, 36).

2.1.1. Intensão e extensão do acervo de táxones zoológicos incorporados à nomenclatura

A intensão e a extensão do conjunto ‘táxones zoológicos incorporados à nomenclatura do dicionário’ determinam neste setor o valor informativo da obra lexicográfica de um ponto de vista *quantitativo*.

Em relação à *intensão*, a nomenclatura de um dicionário geral de referência de uma língua de cultura deve acolher nomes vernáculos e nomes paracientíficos de táxon, só excluindo os nomes científicos (em contraste com um dicionário taxonómico, especializado, que na sua nomenclatura inclui também nomes científicos⁷), se bem que estes, como defenderemos em secções posteriores, devam ser registados, em prol do rigor conceptual, na redação das definições e na informação etimológica (v. *infra* 2.1.3, 2.2.2.1). No entanto, há uma classe de denominações vernáculas de táxon que um dicionário geral poderá deixar de parte sem prejuízo da sua qualidade, nomeadamente, os nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição que diferenciam espécies no seio de táxones exóticos ou inconspícuos (ex.: *dic-dic-de-kirk* ‘antílope da espécie *Madoqua kirkii*’ [< ingl. *Kirk’s dik-dik*], espécie incluída no grupo dos *dic-dics* ‘antílopes do género *Madoqua*’; *carriça-australiana-de-coroa-violeta* ‘pássaro da espécie *Malurus coronatus*’ [< ingl. *purpled-crowned fairywren*], espécie incluída no grupo das *carriças-australianas* ‘pássaros da família Maluridae’: v. *infra*), cujo registo é próprio, antes, de uma obra enciclopédica ou de um dicionário taxonómico.

Quanto à *extensão*, a nomenclatura de um dicionário geral de referência deveria incluir a totalidade dos *nomes vernáculos populares* (supradialetais) existentes na correspondente língua (comum)⁸, tanto as denominações «clássicas» ou «pan-europeias» (ex.: *hipopótamo*, *leão*, *tigre*) como as patrimoniais (ex.: *gaio*, *rabirruivo*), tanto as simples (ex.: *felosa*), como as pluriverbais (ex.: *cobra-(de)-capelo*). Já para as outras classes de denominações de táxon que têm entrada num dicionário geral da língua, e por motivos de economia, impõe-se um critério de seleção baseado numa *relevância lexicográfica* que tenha em conta a correspondente *significação zoológica* (alta categoria taxonómica [todos os filos e classes, p. ex.], estatuto zoológico peculiar [ex.: *aranha-do-mar*, *celacanto*, *dugongo*, *hírace*, *ocapi*, *oricteropo*, *quivi*, *tuatara*], grande número de espécies [ex.: *curculionídeo*]⁹ ou «proximidade zoológica» do ser humano [famílias e ordens de vertebrados superiores, p. ex.]), a eventual ocorrência do táxon no domínio geográfico da língua (*arionídeo*, *paramécio*, *rabirruivo-de-testa-branca* e *rabirruivo-preto*, p.

⁷ Cf., por exemplo, o *Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados* de Carlos Garrido (inédito, próx. publicação).

⁸ Tenha-se em conta que um dicionário geral de referência deve tentar abranger a língua em toda a sua variação diatópica, de modo que, p. ex., os nomes vernáculos usados em países americanos ou africanos de expressão portuguesa/espanhola (referentes a táxones americanos ou africanos) deverão surgir em tais obras lexicográficas quando elaboradas na Europa, e vice-versa. Este aspeto será abordado na próxima alínea 2.1.2.

⁹ Pelo contrário, no caso dos nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de nomes vernáculos populares, o que os torne lexicograficamente relevantes poderá ser o facto de compreenderem um número reduzido de espécies, facilmente integrável num dicionário geral. Assim, p. ex., o grupo dos rinocerontes, que atualmente engloba apenas cinco espécies, o dos hipopótamos, com duas, ou o dos ursos, com oito.

ex.) ou o seu interesse (cultural, médico, económico, etc.) para o ser humano (ex.: *cobra-(de)-capelo-indiana*, *daimão*, *dinossauro*, *diplódoco*, *iaque*, *vespa-marinha*).

A este respeito, a inclusão nos dicionários gerais de referência de umha quantidade generosa de nomes vernáculos eruditos que designam táxones exóticos ou inconspícuos é cada vez mais necessária, por causa da frequente exposição do cidadão culto à divulgação científica. Nesse sentido, no caso de grupos de grande significação zoológica (famílias de aves e mamíferos, p. ex.), parece mesmo aconselhável incrementar o número de denominações vernáculas mediante o correspondente decalque de nomes naturalizados noutras línguas europeias (na maior parte dos casos, do inglês; cf. Sauermost, 1999-2004: s. v. ‘Nomina vernacularia’). Assim, por exemplo, para designar em português os pássaros da família Drepanididae (ou, conforme outra conceção sistemática, da subfamília Drepanidinae), do arquipélago do Havai, poderá incorporar-se aos dicionários luso-brasileiros o nome *trepador-do-mel*, a partir do inglês *Hawaiian honeycreeper*, e, para designar os pássaros da família Maluridae, o nome *carricha-australiana*, a partir do ingl. *Australian wren* (denominações portuguesas propostas em Burnie, 2002).

Dando por suposto que os três dicionários em foco já incorporam na sua nomenclatura a totalidade, ou a quase totalidade, dos nomes vernáculos populares de táxon disponíveis na respetiva língua¹⁰, vamos agora estimar a representação nas três obras dos nomes vernáculos eruditos e dos nomes paracientíficos. A respeito dos nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição e dos nomes paracientíficos designativos de géneros e espécies, reparemos na seguinte amostra representativa¹¹:

Amostra A: nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição e nomes paracientíficos designativos de géneros e espécies (DH | DACL | DRAE):

*Apteryx (quivi | Ø | kiwi), Balaeniceps rex (bico-de-tamanco + bico-de-sapato | Ø | Ø), Bos grunniens = B. mutus (iaque | Ø | yak), Bucerotidae (calau | Ø | cálaio), Casuariidae (casuar | casuar | casuario), Chiro-nex (vespa-marinha | Ø | Ø), Crinoidea (lírio-do-mar | Ø | Ø), Cynocephalus (lêmure-voador + colugo + galeopiteco | Ø | Ø), Dacelo novaeguineae [port. cucaburra] (Ø | Ø | Ø), Daubentonia madagascariensis (aiái | Ø | ayeaye), Diplodocus (diplódoco | *diplodoco | diplodoco), Diplopoda (milipede | Ø | Ø), Dromaius novaehollandiae (emu | Ø | emú), Dugongidae (dugongo + vaca-marinha | Ø + Ø | Ø), Galaginae (gálago | Ø | Ø), Gulo gulo (glutão | Ø | glotón), Hyracoidea (hírax ou hírace | Ø | Ø), Hylobates (gibão | gibão | gibón), Lemmus + Dicrostonyx (lemingue ou lémingue ou lemingo | Ø | Ø), Loris + Nycticebus (lór-riis | Ø | Ø), Madoqua [port. dic-dic] (Ø | Ø | Ø), Menuridae (ave-lira ou lira | Ø | ave lira), Musophagidae (turaco | Ø | Ø), Myxiniiformes (peixe-bruxa + feiticeira | Ø | Ø), Nestor notabilis [port. que(ia) + papa-gaio-da-montanha] (Ø | Ø | Ø), Okapia johnstoni (ocapi | Ø | okapi), Orycteropus afer (oricteropo ou oric-terope + aardvark + porco-da-terra + porco-formigueiro + timba | Ø | Ø), Oxyuranus [port. (cobra-)*

¹⁰ No entanto, não careceria de interesse uma comprovação cuidadosa do afirmado, pois, p. ex., no caso do DACL, detetamos a falta das denominações vernáculas dos táxones de ocorrência ibérica (portuguesa e espanhola) *Cyanopica cyana* (= *C. cooki*; port. *pega-azul*, cast. *rabilargo*), Gliridae (port. *leirão* [tratamento deficiente no DACL], cast. *lirón*), *Loxia curvirostra* (port. *cruza-bico*; cast. *piquituerto*), *Phalacrocorax* (port. *corvo-marinho*; cast. *cormorán*), *Phyrhula pyrrhula* (port. *dom-fafe*; cast. *camachuelo*) e *Pterocles* (port. *cortiçol*; cast. *ganga*). As vozes *pega-azul* e *leirão* também estão ausentes do brasileiro DH (mesmo da sua ed. portuguesa!), mas este tipo de lacunas, devidas a uma deficiente cobertura da variação linguística diatópica, serão objeto de consideração específica na próxima secção 2.1.2.

¹¹ Nas seguintes listas de lemas dos dicionários empregam-se as seguintes convenções gráficas: Ø: ausência do lema correspondente; *: significante incorreto; sublinhado: a voz é apresentada no dicionário como xenismo (em itálico).

taipã] (Ø | Ø | Ø), *Paramecium* (*paramécio* | *paramécio* | *paramecio*), Peramelidae (*bandicoot* | Ø | Ø), *Perodictius potto* (*poto* | Ø | Ø), *Petaurista* [port. *esquilo-voador*] (Ø | Ø | Ø), *Pholidota* (*pangolim* + *halakavuma* | Ø | *pangolin*), Picnogonida (*aranha-do-mar* | Ø | Ø), *Sarcophilus harrisi* (*diabo-da-tasmânia* | Ø | Ø), *Sphenodon* (*tuatara* | Ø | Ø), *Tarsius* (*társio* | Ø | *tarsero*), Tupaiidae (*tupaia* | Ø | *tupaya*), *Vulpes zerda* = *Fennecus zerda* (*feneco* | Ø | Ø).

A seguir, apresentamos uma amostra indicativa da representação nos três dicionários dos nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de nomes vernáculos populares, diferenciadores de espécies (atuais), selecionando cinco casos de evidente relevância lexicográfica (v. *supra*): os hipopótamos (fam. Hippopotamidae), os jacarés sul-americanos (fam. Alligatoridae), os rabirruivos ibéricos (gén. *Phoenicurus*), os rinocerontes (fam. Rhinocerotidae) e os ursos (fam. Ursidae):

Amostra B: nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de vernáculos populares, diferenciadores de espécies atuais

Hipopótamos (fam. Hippopotamidae: 2 spp.): (DH | DACL | DRAE):

Hippopotamus amphibius (*hipopótamo* | *hipopótamo* | *hipopótamo*), *Choeropsis liberiensis* (*hipopótamo-pigmeu* | Ø | Ø).

Jacarés sul-americanos (fam. Alligatoridae: 5 spp.): (DH | DACL | DRAE):

Caiman crocodilus = *C. crocodylus* = *C. c. yacare* (*jacaré(-de-óculos)* + *jacaretinga* | *jacaré* | Ø), *Caiman latirostris* (*jacaré-de-papo-amarelo* + *aru(r)á* | Ø | Ø), *Melanosuchus niger* ((*jacaré*)-*jaçu* + *jacareúna* | Ø | Ø), *Paleosuchus palpebrosus* [port. *jacaré-anão*] (Ø | Ø | Ø), *Paleosuchus trigonatus* (*jacaré-coroa* + *jacaré-curuá* + *curulana* | Ø | Ø).

Rabirruivos ibéricos (gén. *Phoenicurus*: 2 spp.): (DH | DACL | DRAE):

Phoenicurus phoenicurus [port. *rabirruivo-de-testa-branca* / esp. *colirrojo real*] (Ø | *rabirruivo* Ø | *colirrojo* Ø), *Phoenicurus ochrurus* [port. *rabirruivo-preto* / esp. *colirrojo tizón*] (Ø | *rabirruivo* Ø | *colirrojo* Ø).

Rinocerontes atuais (fam. Rhinocerotidae: 5 spp.): (DH | DACL | DRAE):

Ceratotherium simum (*rinoceronte-branco* | *rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø), *Dicerorhinus sumatrensis* [port. *rinoceronte-de-samatra*] (*rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø), *Diceros bicornis* (*rinoceronte-negro* | *rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø), *Rhinoceros sondaicus* [port. *rinoceronte-de-java*] (*rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø), *Rhinoceros unicornis* [port. *rinoceronte-indiano*] (*rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø | *rinoceronte* Ø).

Ursos atuais (fam. Ursidae: 8 spp.): (DH | DACL | DRAE):

Ailuropoda melanoleuca (*panda(-gigante)* | *panda(-gigante)*) [atribuído não aos Ursidae, mas aos Procyonidae!] | *panda* ou *oso panda*), *Tremarctos ornatus* (*urso-de-óculos* + *urso-de-lunetas* | Ø | Ø), *Ursus americanus* (*urso-negro* | *urso-negro* | Ø), *Ursus arctos* (*urso-pardo* + *urso-cinzento* + *urso-escuro* | *urso-pardo* | *oso pardo*), *Ursus malayanus* = *Helarctos malayanus* (*urso-malaio* + *urso-dos-coqueiros* | *urso-dos-coqueiros* + *urso-malaio* | Ø), *Ursus maritimus* = *Thalarctos maritimus* (*urso-polar* + *urso-branco* | *urso-polar* + *urso-branco* | *oso polar* + *oso blanco* + *oso marítimo*), *Ursus thibetanus* (*urso-de-colar* + *urso-do-himalaia* | *urso-de-colar* | Ø), *Ursus ursinus* = *Melursus ursinus* (Ø | *urso-beiçudo* | *oso negro*? [diz-se que «come hormigas con preferencia a otros alimentos»]).

Por último, como amostra indicativa do grau de incorporação à nomenclatura dos dicionários dos nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos, consideremos a seguir, de modo sucessivo, a lista exaustiva dos filões (e agrupamentos superiores de animais), dos grupos de alta categoria imediatamente subordinados aos filões e das ordens subordinadas aos táxones Arachnida, Myriapoda e Insecta. Os nomes paracientíficos que designam todos estes grupos, pela sua significação zoológica (v. *supra*),

apresentam clara relevância lexicográfica e hoje em dia merecem ser registados num dicionário geral de referência¹².

Amostra C: filós (e agrupamentos superiores) de animais (DH | DACL | DRAE)¹³:

Acanthocephala (*acantocéfalo* | *acantocéfalo* e *acantocéfalos* | *acantocéfalo*), Amphineura (*anfíneuro* | *anfíneuro*), Annelida (*anelídeo* | *anelídeos* | *anelídeo*), Arthropoda (*artrópode* | *artrópodes* | *artrópodo*), Articulata (*articulado* | *articulados* | *articulado*), Aschelminthes = Nemathelminthes (*asquelminto* ou *asquelminte* + *nematelminto* ou **nematelmintio* ou *nematelminto* | *Ø* + *nematelminte* e *nematelmintes* | *Ø* + *nematelminto*), Brachiopoda (*braquiópode* ou *braquiópodo* | *braquiópodes* | *braquiópodo*), Bryozoa = Ectoprocta (*briozoário* + *ectoprocto* | *briozoário* e *briozoários* + *Ø* | *briozoo* + *Ø*), Chaetognatha (*quetógna-* | *Ø* | *Ø*), Chordata (*cordado* | *Ø* | *cordado*), Cnidaria (*cnidário* | *Ø* | *cnidário*), Coelenterata (*celenterado* | *celenterado* e *celenterados* | *celentéreo*), Ctenophora (*ctenóforo* | *Ø* | *ctenóforo*), Cyclophora (*Ø* | *Ø* | *Ø*), Echinodermata (*equinodermo* | *equinodermo* ou *equinoderme* e *equinodermos* ou *equinodermes* | *equinodermo*), Echiura ou Echiurida (*equiúrido* | *Ø* | *Ø*), Entoprocta = Kamptozoa (*entoprocto* + *Ø* | *Ø* + *Ø* | *Ø* + *Ø*), Eumetazoa (*eumetazário* | *Ø* | *Ø*), Gastrotricha (*gastrótrico* | *Ø* | *Ø*), Gnathostomulida (**gnatostomúlido* [correto: *gnatostomúlido*] | *Ø* | *Ø*), Hemichordata (*hemicordado* | *Ø* | *Ø*), Kinorhyncha (*quinorrinco* | *Ø* | *Ø*), Lophophorata = Tentaculata (*lofoforado* + *Ø* | *Ø* + *tentaculado* e *tentaculados* | *Ø* + *Ø*), Loricifera (*loricífero* | *Ø* | *Ø*), Merostomata (*merostomado* | *Ø* | *Ø*), Mesozoa (*mesozóário* | *Ø* | *Ø*), Metazoa (*metazário* | *metazário* | *metazoo*), Micrognathozoa (*Ø* | *Ø* | *Ø*), Mollusca (*molusco* | *moluscos* | *molusco*), Nematoda (*nematódeo* ou **nematóide* | *nematode* e *nematodes* | *nematodo*), Nematomorpha (*nematomorfo* | *Ø* | *Ø*), Nemertea ou Nemertini (*nemérteo* ou *nemertino* | *Ø* | *Ø*), Onychophora (*onicóforo* | *Ø* | *Ø*), Parazoa (*parazóário* | *parazóário* e *parazóários* | *Ø*), Phoronida (**foronídio* [por *forônido*] | *Ø* | *Ø*), Placozoa (*Ø* | *Ø* | *Ø*), Plathelminthes ou Platyhelminthes (*platelminto* ou *platielminte* [o *DH-Pt* incorpora, priorizando, *platelminte*] | *platelminte* e *platelmintes* | *platelminto*), Porifera = Spongiaria (*porífero* + *espongiário* | *porífero* e *poríferos* + *espongiário* e *espongiários* | *espongiario*), Priapula ou Priapulida (*priapulido* ou **priapulídeo* | *Ø* | *Ø*), Protozoa (*protozoário* | *protozoário* e *protozoários* | *protozoo* ou *protozoário*), Rotatoria ou Rotifera (*rotífero* | *rotífero* e *rotíferos* | *Ø*), Sipuncula ou Sipunculida (*sipuncúlido* ou **sipunculídeo* | *Ø* | *Ø*), Tardigrada (*tardígrado* | *Ø* | *tardígrado*).

Amostra D: táxones de alta categoria subordinados aos filós (DH | DACL | DRAE):

Anthozoa (*antozoário* | *antozoário* e *antozoários* | *antozoo*), Aplousophora (*aplacóforo* | *Ø* | *Ø*), Arachnida (*arácnido* ou *aracnídeo* | *aracnídeo* e *aracnídeos* | *arácnido*), Asterozoa ou Asterozoa (*asteróide* | *asteróide* e *asteróides* | *Ø*), Bivalvia = Pelecypoda = Acephala = Lamellibranchia(ta) (*bivalve* + *pelecípode* | *bivalves* + *lamelibrânquio* e *lamelibrânquios* + *Ø* | *Ø* + *lamelibrânquio* + *Ø*), Cephalochordata = Leptocardia (*cefalocordado* + *leptocárdio* | *Ø* + *Ø* | *Ø* + *Ø*), Cephalopoda (*cefalópode* | *cefalópode* e *cefalópodes* | *cefalópodo*), Cestoda (**cestóide* [por *cestode* ou *cestódeo*] | *Ø* | *cestodo*), Chelicerata (*quelicerado* | *quelicerado* e *quelicerados* | *Ø*), Crinozoa ou Crinozoa (*crinóide* | *Ø* | *Ø*), Crustacea (*crustáceo* | *crustáceo* e *crustáceos* | *crustáceo*), Cubozoa (*Ø* | *Ø* | *Ø*), Digenea (*digéneo* | *Ø* | *Ø*), Enteropneusta (*enteropneusto* | *Ø* | *Ø*), Echinozoa ou Echinozoa (*equinóide* | *equinóide* e *equinóides* | *Ø*), Gastropoda (*gastropode* ou *gastropodo* | *gastropode* e *gastropodes* | *gasterópodo*), Hirudinea (*hirudíneo* | *hirudíneo* e *hirudíneos* | *Ø*), Holothurozoa ou Holothurozoa (*holoturóide* | *Ø* | **holoturídeo*), Hydrozoa (*hidrozóário* |

¹² No relativo aos nomes paracientíficos que designam *famílias* de animais, é de destacar a pobreza do *DRAE*, que se manifesta, por um lado, nas muitas lacunas que apresenta em táxones de clara relevância lexicográfica (ex.: Arionidae [Ø | Ø | Ø], Boidae [*boídeo* | *boídeo* e *boídeos* | Ø], Bufonidae [*bufonídeo* | *bufonídeo* e *bufonídeos* | Ø], Curculionidae [*curculionídeo* | Ø | Ø], Gryllotalpidae [*grilotalpídeo* | Ø | Ø], Limacidae [*limacídeo* | *limacídeo* e *limacídeos* | Ø], Picidae [*picídeo* | *picídeo* e *picídeos* | Ø], Sylviidae [*silviídeo* | *silviídeo* e *silviídeos* | Ø], Staphylinidae [*estafilinídeo* | *estafilinídeo* e *estafilinídeos* | Ø], Talpidae [*talpídeo* | *talpídeo* e *talpídeos* | Ø]) e, por outro lado, e sobretudo, nas suas incoerências na seleção dos táxones incorporados (ex., as sete famílias de Carnívoros: Canidae [*canídeo* | *canídeo* e *canídeos* | *cánido*], Felidae [*felídeo* | *felídeo* e *felídeos* | *félido*], Mustelidae [*mustelídeo* | *mustelídeo* e *mustelídeos* | *mustélido*], mas Hyaenidae [*hienídeo* | *hienídeo* e *hienídeos* | Ø], Procyonidae [*procionídeo* | *procionídeo* e *procionídeos* | Ø], Ursidae [*ursídeo* | *ursídeo* e *ursídeos* | Ø], Viverridae [*viverrídeo* | *viverrídeo* e *viverrídeos* | Ø]).

¹³ O filo Cyclophora foi descrito em 1995, e o filo Micrognathozoa, em 2000, o que vinca a necessidade, mesmo neste setor terminológico, de os dicionários se manterem atualizados.

hidrozoário e *hidrozoários* | Ø), Insecta = Hexapoda (*inse(c)to* + *hexápode* | *insecto* + Ø | *insecto* + Ø), Monogenea (*monogêneo* ou *monogênio* | Ø | Ø), Monoplacophora (*monoplacóforo* | Ø | Ø), Myriapoda (*miriápode* ou *miriápodo* ou *miriópode* | *miriápode* ou *miriópode* e *miriápodes* ou *miriópodes* | *miriópodo*), Oligochaeta (*oligoqueta* | *oligoquetas* | Ø), Ophiuroidea ou Ophiuroidea (*ofiuroides* | *ofiuroides* e *ofiuroides* | Ø), Orthonectida (*ortonectida* | Ø | Ø), Pentastomida = Linguatulida (*pentastômido* + *linguatilido* | Ø + Ø | Ø + Ø), Picnogonida = Pantopoda (*picnogônido* + *pantópode* | Ø + Ø | Ø + Ø), Pogonophora (*pogonóforo* | Ø | Ø), Polychaeta (*poliqueta* | *poliqueta* e *poliquetas* | Ø), Polyplacophora (*poliplacóforo* | Ø | Ø), Protochordata ou Prochordata = Acrania (*protocordado* + *acrânio* ou *acraniota* | *protocordado* e *protocordados* | *procordado*), Pterobranchia (*pterobrânquio* | Ø | Ø), Rhombozoa (*rombozoário* | Ø | Ø), Scaphopoda (*escafópode* ou *escafópodo* | Ø | Ø), Scyphozoa (*cifozoário* | *cifozoário* e *cifozoários* | *escifozoo*), Trematoda (*trematódeo* | *trematódeo* e *trematódeos* | *trematodo*), Trilobita (*trilobito* ou *trilobite* | *trilobite* [falta táxon] | *trilobites* [falta táxon]), Turbellaria (*turbelário* | Ø | Ø), Urochordata = Tunicata (*urocordado* + *tunicado* | Ø + *tunicado* e *tunicados* | Ø + *tunicado*), Vertebrata = Craniota (*vertebrado* + *craniado* ou *craniota* | *vertebrado* e *vertebrados* + Ø | *vertebrado* + Ø), Xifosura (*xifosuro* | Ø | Ø).

Amostra E: táxones da categoria ordem subordinados aos grupos Arachnida e Myriapoda (DH | DAEL | DRAE):

Acari (*acarino* | **acarideo* e **acarideos* ou *acárido* e *acáridos* ou *acarino* ou *acarinos* | Ø [~ *ácaro*]), Amblypygi (*ambliópigo* | Ø | Ø), Araneae (*araneido* | Ø | Ø [~ *araña*]), Chilopoda (*quilópode* | *quilópode* e *quilópodes* | Ø), Diplopoda (*diplópode* ou *diplópodo* | Ø | Ø), Opiliones (*opilione* | *opilões* | Ø), Palpigradi (*palpigrado* | Ø | Ø), Pauropoda (*paurópode* | Ø | Ø), Pseudoscorpiones (*pseudoscorpione* | Ø | Ø), Ricinulei (*ricinúleo* | Ø | Ø), Scorpiones (*escorpione* | Ø [~ *escorpião*] | Ø [~ *escorpión*]), Solifugae = Solpugida (*solífugo* + *solpúgido* | Ø + Ø | Ø + Ø), Symphyla (*sínfilo* | Ø | Ø), Uropygi (*uropígo* | Ø | Ø).

Amostra F: táxones da categoria ordem subordinados a Insecta (DH | DAEL | DRAE):

Archaeognatha (Ø | Ø | Ø), Blattariae (*blatário* | **blatideo* e **blatideos* | Ø), Collembola (*colêmbolo* | Ø | Ø), Coleoptera (*coleóptero* | *coleóptero* e *coleópteros* | *coleóptero*), Coleorrhyncha (Ø | Ø | Ø), Dermoptera (*dermáptero* | Ø | Ø), Diptera (*díptero* | *díptero* e *dípteros* | *díptero*), Embiidina ou Embioptera (*embiídino* ou *embióptero* | Ø | Ø), Ephemeroptera (*efemeróptero* | *efêmeros* | Ø), Grylloblattodea = Notoptera (*griloblatódeo* + *notóptero* | Ø + Ø | Ø + Ø), Hemiptera: Homoptera + Heteroptera (*hemíptero*: *homóptero* + *heteróptero* | *hemíptero* e *hemípteros*: *heteróptero* e *heterópteros* + *homóptero* e *homópteros* | *hemíptero*: *homóptero* + *heteróptero*), Hymenoptera (*himenóptero* | *himenóptero* e *himenópteros* | *himenóptero*), Isoptera (*isóptero* | *isóptero* e *isópteros* | *isóptero*), Lepidoptera (*lepidóptero* | *lepidóptero* e *lepidópteros* | *lepidóptero*), Mantodea (*mantódeo* | Ø | Ø), Mantophasmatodea (Ø | Ø | Ø), Mecoptera (*mecóptero* ou *mecáptero* | Ø | Ø), Neuroptera: Megaloptera + Planipennia (*neuróptero*: *megalóptero* + *planipênio* ou *planipene* | *neuróptero* e *neurópteros* ou *nevróptero* e *nevrópteros*: Ø + Ø | *neuróptero*: Ø + Ø), Odonata (*odonato* | *odonato* e *odonatos* | *odonato*), Orthoptera (*ortóptero* | *ortóptero* e *ortópteros* | *ortóptero*), Phasmida ou Phasmatodea (*fásmido* ou *fasmatódeo* | Ø | Ø), Phthiraptera: Anoplura (*fítráptero*: *anopluro* | Ø: Ø | Ø: *anopluro*), Plecoptera (*plecóptero* | Ø | Ø), Protura (*proturo* | Ø | Ø), Psocoptera (*psocóptero* | Ø | Ø), Raphidioptera (*rafidióptero* | Ø | Ø), Siphonaptera = Aphanoptera ou Aphaniptera (*sifonáptero* + *afanáptero* ou *afaníptero* | Ø + Ø | Ø + *afaníptero*), Strepsiptera (*estrepisíptero* | Ø | Ø), Thysanoptera (*tisanóptero* | Ø | Ø), Trichoptera (*tricóptero* | Ø | Ø), Zoraptera (*zoráptero* | Ø | Ø), Zygentoma (*zigentoma* + *tisanuro* | Ø + *tisanuro* e *tisanuros* | Ø + *tisanuro*).

Estas amostras permitem verificar que, dos três dicionários analisados, apenas o *DH* se encontra à altura de um grande dicionário geral de referência pelo que diz respeito à incorporação à sua nomenclatura de denominações (vernáculos eruditos e paracientíficas) de táxones zoológicos. Assim, enquanto o *DH* parece apresentar, conforme os nossos critérios e amostras, um déficit algo significativo apenas no capítulo dos nomes eruditos surgidos por restrição específica de vernáculos populares (diferenciação de 15 espécies em 22 da nossa amostra)¹⁴, já o *DAEL* e o *DRAE* acusam défices notáveis em

¹⁴ Nesta apreciação do comportamento do brasileiro *DH* no capítulo dos nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de vernáculos populares está em parte compreendido o problema da cobertura da variação diatópica da língua (v. *infra* 2.1.2), uma vez que na nossa amostra se incluem duas espécies
(*Continúa*)

todos os capítulos considerados (*DACL*: amostra $A = 4/39$, $B = 9/22$, $C = 19/48$, $D = 22/50$, $E = 3/15$, $F = 13/41$; *DRAE*: amostra $A = 14/39$, $B = 5/22$, $C = 20/48$, $D = 16/50$, $E = 0/15$, $F = 14/41$). Neste sentido, o *DACL* revela-se especialmente deficitário nos capítulos dos nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição e dos nomes paracientíficos (designativos de géneros e espécies ou designativos de táxones de alta categoria subordinados aos grupos Arachnida, Myriapoda e Insecta). Também neste último capítulo se revela assaz pobre o *DRAE*, bem como no âmbito dos nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de vernáculos populares. Além disso, um outro problema conexo com o importante défice de táxones animais incorporados à nomenclatura que sofrem o *DACL* e o *DRAE* é o das numerosas incoerências manifestas na seleção dos lemas, a qual não parece obedecer, neste setor, a critérios lógicos e funcionais (p. ex., por quê o *DRAE* inclui *pangolin*, mas não *cerdo hormiguero* ou *oricteropo*? Por quê *tardígrado*, mas não *rotífero*? Por quê *tisanuro*, mas não *dermáptero*? Como é que não inclui *oso de anteojos* ou *oso de los Andes* ou *ucumari*, espécie que habita em países de fala espanhola, e sim *oso negro*, ursídeo exótico em relação à geografia linguística hispânica?).

2.1.2. Cobertura da projeção da variação diatópica da língua sobre as denominações populares de táxon

Na qualidade de dicionários gerais de referência do português ou do espanhol, o *DACL*, o *DH* e o *DRAE* devem registar de modo abrangente as denominações vernáculas (populares) de táxon que ocorrem no conjunto da lusofonia e da hispanofonia, e não apenas as utilizadas nos países onde os dicionários são originariamente editados. Por conseguinte, não será na nomenclatura destes dicionários que, a nosso juízo, deva ficar refletida a nacionalidade da obra lexicográfica, mas apenas, porventura, na configuração dos verbetes ou na redação das definições, tratando-se aqui, quando muito, de uma questão de *ênfase* ou *priorização*¹⁵.

A seguir, recorrendo a uma série de amostras vocabulares, vamos avaliar de modo tentativo o grau de cobertura nos nossos três dicionários da variação zoonímica existente entre as vertentes europeia e americana do português e do espanhol. A nossa análise será mais desenvolvida no caso do português, em parte porque nesta língua são

ibéricas ausentes do Brasil e cinco espécies sul-americanas ausentes de Portugal (respet., rabirruivos e jacarés). A seguir resenhamos os resultados quantitativos das amostras extraídas do *DH*: amostra $A = 34/39$, $B = 15/22$, $C = 43/48$, $D = 49/50$, $E = 15/15$, $F = 39/41$.

¹⁵ Assim, p. ex., neste contexto constituem procederes corretos os seguintes: **a**) s. v. ‘tamanduá’, o *DRAE* não inclui qualquer definição, remetendo apenas para *oso hormiguero*; **b**) s. v. ‘grilo-toupeira’, o *DH*, brasileiro, regista como primeira aceção subordinada (1.1) a espécie *Neocurtila hexadactyla* (como **Gryllotalpa hexadactyla*), cuja distribuição geográfica abrange o território brasileiro, e, só como segunda aceção subordinada (1.2), a espécie europeia, portuguesa, *Gryllotalpa gryllotalpa*; **c**) s. v. ‘mole’ (ingl. ‘toupeira’), a definição do *SOED*, britânico, inclui a advertência «esp[ecially]. the Eurasian *Talpa europaea*», enquanto que a do *Webster’s Third New International Dictionary*, estado-unidense, só inclui a referência à família Talpidae, sem mencionar qualquer espécie concreta (no território dos EUA vivem várias espécies de talpídeos, nenhuma das quais *Talpa europaea*).

hoje dois, lusitano e brasileiro, os dicionários gerais de referência, e não apenas um, como acontece com o espanhol.

Amostra A: Ocorrência no DRAE de denominações vernáculas americanas de animais (de distribuição americana) (presença: voz sublinhada; ausência: voz não sublinhada)

aguti, *armadillo*, (*mono*) *aullador*, *capibara* = *carpincho* = *chigüire*, *cariama* = *seriema* = *socori*, *chajá*, *coati*, *coendú*, *coipú*, *colibrí*, *cotinga* = *gallito de roca*, *gallinazo*, *guacamayo* (mas não ~ *verdirrojo*, etc.), *guácharo*, *guanaco*, *harpia*, *hoatzin*, *jabirú*, *jacamara*, *jaguarundi*, *mara*, *margay* = *tigrillo*, *mazama*, *ñandú* (mas não ~ *común* nem ~ *de Darwin*), *paca*, *pacarana*, *pecarí*, *pudí*, *quetzal*, *senso*, *taman-duá*, *tamarin*, *tinamú*, *tití*, *tucotuco*, *vizcacha*, *yapoc* = *cuica de agua*, *zarigüeya* = *tlacuache*, *zopilote*.

Amostra B: Ocorrência no DACL de denominações vernáculas brasileiras, sem alternativa lusitana peculiar, de animais de distribuição sul-americana e não portuguesa (presença: voz sublinhada; ausência: voz não sublinhada)

arara (mas não ~-azul, etc.), *boto-branco* = *uiara*, *caburé*, *chama-maré*, *corujão*, *gambá* = *sariguê* = *sariguêia*, *harpia*, *jaguarundi*, *jararaca*, *jiboia*, *muçurana*, *mutum*, *piramboia*, *pirarucu*, *quati* = *coati*, *que-ro-que-ro*, *sabiá*, *sagui(m)*, *surucucu*, *tachã* = *chajá*, *tatuê*, *urubu*.

Amostra C: Ocorrência no DH de denominações vernáculas lusitanas, sem alternativa brasileira peculiar, de animais de distribuição europeia e não sul-americana (presença: voz sublinhada; ausência: voz não sublinhada)

abetarda, *alvéola* = *alvéola* (mas não ~-branca, etc.), *bufô*, *chapim* (mas não ~-azul, etc.), *cortiçol* (mas não ~-de-barriga-preta, etc.), *dom-fafe*, *esgana-gata*, *faneca*, *gato*, *geneta*, *lavagante*, *leirão*, *lince*, *lúcio*, *mobelha*, *pata-roxa*, *picanço*, *rabirruivo*, *saca-rabos*, *sisão*, *vaca-loura* ‘coleóptero *Lucanus cervus*’.

Amostra D: Esquemas designativos diferentes em Portugal e no Brasil para táxones de distribuição brasileira e não portuguesa: inclusão no DH das vozes exclusiva ou preferentemente lusitanas e inclusão no DACL das vozes exclusiva ou preferentemente brasileiras (ordem: elemento(s) do esquema designativo lusitano no DH / elemento(s) do esquema designativo brasileiro no DACL; inclusão: unidade sublinhada; não inclusão: unidade não sublinhada)

anaconda / *sucuri* [no DACL, sem sinonimização com *anaconda*!] + *anaconda*, *jaguar* / *onça(-pintada)* + *jaguar*, *manati(m)* / *peixe-boi* + *manati(m)*, *puma* / *suçuarana* + *onça-parda* + *puma*, *urso-formigueiro* + *papa-formigas* / *tamanduá*.

Amostra E: Esquemas designativos diferentes em Portugal e no Brasil para táxones de distribuição brasileira e portuguesa: inclusão no DH das vozes exclusivamente lusitanas e inclusão no DACL das vozes exclusivamente brasileiras (ordem: elemento(s) do esquema designativo lusitano no DH / elemento(s) do esquema designativo brasileiro no DACL; inclusão: unidade sublinhada; não inclusão: unidade não sublinhada)

Diferença absoluta: *alforreca* / *água-viva*, *carraca* / *carrapato*, *coruja(-das-torres)* [por lapso, no DH com a marca «Regionalismo: Brasil»] / *suindara*, *esquilo* / *caxinguelê* = *serelepe*, *menhadem* / *savelha*, *rela* / *perereca* [no DACL, sem sinonimização com *rela*!], *tavão* / *mutuca* [no DACL, sem sinonimização com *tavão*!].

Diferença parcial: *peto* + *pica-pau* / *pica-pau*, *rulo* + *grilo-toupeira* / *grilo-toupeira* + *toupeirinha*, *roaz* + *boto* + *golfinho* / *boto* + *golfinho*, *térmita* / *cupim* [no DACL, sem indicação «Bras.»] + *térmita*.

Amostra F: Denominações vernáculas de animais com significados diferentes no português europeu e no português americano: inclusão no DH da aceção lusitana e inclusão no DACL da aceção brasileira (ordem: DH / DACL; inclusão: unidade sublinhada; exclusão: unidade não sublinhada)

cobra-d'água ‘*Natrix* [= *Tropidonotus*]’ / *cobra-d'água* ‘*Helicops* + *Liophis*’, *coruja* ‘títonídeo’ [por lapso, no DACL define-se como «estrigídeo»] / *coruja* ‘estrigiforme’, *lagartixa* ‘espécies de lacertídeos de pequeno tamanho’ / *lagartixa* ‘osga’, *melro* ‘turdídeo *Turdus merula*’ / *melro* ‘diversas espécies de icterídeos’, *pintassilgo* ‘fringilídeo *Carduelis carduelis*’ [no DH, de modo impreciso, definido como *Carduelis spinus*, o lugre] / *pintassilgo* ‘fringilídeo *Carduelis magellanicus*’, *rola* ‘columbídeos do gén. *Streptop-*

lia / *rola* ‘columbídeos dos gén. *Columbina*, *Claravis* e *Uropelia*’, *savelha* ‘*Alosa fallax*’ / *savelha* ‘*Brevoortia* spp.’.

Como indicia a amostra *A*, a incorporação de americanismos designativos de animais à nomenclatura da vigésima segunda edição do *DRAE* é bastante completa (circunstância esta relativamente recente na história da obra: cf. Fernández Gordillo, 2005/06), se bem que ainda falte um certo número deles. Menos favorável é a quase completa ausência no *DRAE* de nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica dos mencionados americanismos, os quais, dada a ocorrência dos correspondentes táxones no domínio geográfico do espanhol (táxones autóctones), devem considerar-se lexicograficamente relevantes. A julgarmos pelas amostras *B*, *D* e *E*, o comportamento do *DACL* é menos satisfatório, pois, também carecendo aqui, em larga medida, como o *DRAE*, de nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica dos populares, a sua incorporação de americanismos parece mais fraca que a do dicionário espanhol¹⁶. Bastante mais generosa parece a inclusão por parte do *DH* de zoónimos populares exclusivamente lusitanos (amostras *C*, *D* e *E*), sem que, no entanto, a sua lista de lusitanismos esteja próxima da completude¹⁷ e sem que os lusitanismos efetivamente incorporados estejam, em geral, enriquecidos por restrição específica¹⁸. Em qualquer caso, a nossa amostra *F* parece indicar que o aspeto mais deficiente da cobertura da variação diatópica da zoonímia portuguesa por parte do *DACL* e do *DH* reside na frequente desconsideração dos contrastes semânticos que alguns nomes populares apresentam entre Portugal e o Brasil (na nossa amostra, a relação é 2/7). Finalmente, diga-se que, para além destas lacunas detetadas na nomenclatura dos dicionários, um outro defeito que cabe resenhar neste capítulo consiste na inclusão indevida de alguns indicativos geográficos (como, por exemplo, a marca «*Bras.*» nos artigos ‘jararaca’, ‘jibóia’, ‘pirarucu’ e ‘surucucu’ do *DACL*, quando se trata de animais, exclusivamente americanos, que carecem de nome alternativo em português, ou, no *DH*, a marca «*Regionalismo: Portugal*» em artigos como ‘alvéola’, ‘dom-fafe’, ‘faneca’ ou ‘lavagante’, designativos de animais alheios à fauna brasileira e sem nome vernáculo alternativo em português)¹⁹.

¹⁶ Circunstância tanto mais lamentável quanto que em 1940 Rodolpho von Ihering publicou o magnífico *Dicionário dos Animais do Brasil*, obra (recentemente reeditada: Von Ihering, 2002) que recenseia inúmeros zoónimos populares brasileiros.

¹⁷ No *DH* parece ser comparativamente mais rica a cobertura dos nomes paracientíficos de táxones de relevância lexicográfica do que a de nomes vernáculos populares lusitanos.

¹⁸ Lamentável e incompreensivelmente, a versão do *DH* adaptada para o português de Portugal (*DH-Pt*) não remedeia qualquer das omissões de lusitanismos, tanto de significante como de significado, em que vimos que incorre a edição original brasileira (amostras *C*, *E* e *F*), de modo que, p. ex., nesse dicionário, editado em Portugal e destinado a Portugueses, a voz *lagartixa* é definida unicamente como ‘osga’ (!), s. v. ‘rola’ são mencionados vários géneros de columbiformes americanos, mas não o género ibérico *Streptopelia* (!), e, na definição de *estrígiformes*, os representantes típicos do grupo são designados com os particularismos brasileiros *suindara* e *caburé*: «**estrígiforme** *adj* 2g (sXX) 1 relativo aos estrígiformes [...] **estrígiformes** *s.m.pl.* ORN 3 ordem de aves representadas pelas suindaras, corujas, mochos e caburés.» (!).

¹⁹ Acabamos de falar aqui da variação lexical registada entre o português de Portugal e o do Brasil, mas, naturalmente, os dicionários gerais de referência dessa língua também deverão integrar os particularismos das outras variedades do sistema linguístico, como, nomeadamente, a galega. Assim, tais dicionários deveriam incluir zoónimos diferenciais pertencentes ao emergente padrão lexical galego como *arroaz* (Pt. *roaz*), *cascuda* (Pt. *barata*), *ferreirinho* (Pt. *chapim*), *lavandeira* (Pt. *alvéola*), *lobrigante* (Pt. *lavagante*) ou

(*Continúa*)

2.1.3. Estatuto dos lemas e estrutura dos verbetes

Delimitada já a intensão e extensão que deve apresentar o conjunto de denominações de táxones zoológicos incorporadas à nomenclatura (v. *supra* 2.1.1 e 2.1.2), na presente alínea completamos a nossa exploração macroestrutural analisando o *estatuto* dos lemas, i. é, a distribuição das denominações de táxon efetivamente registadas entre os *lemas principais* e os *lemas subordinados* do dicionário, e a *configuração dos verbetes* que resulta de tal distribuição ou categorização.

Antes de analisarmos a efetiva configuração dos lemas e verbetes de caráter taxonómico nos dicionários em estudo, a seguir expomos o modelo que, a esse respeito, mais conveniente nos parece, por conciliar adequadamente os ideais de clareza e de economia. Neste modelo, há lemas principais e lemas subordinados ou interiores, de modo que parte dos verbetes são complexos ou estratificados. Aos *lemas principais* são atribuídos os nomes vernáculos populares constituídos por uma única palavra (ex.: *cobra*, *hipopótamo*, *jacaré*, *pega*, *rã*, *rabirruivo*), os nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição que constam de uma única palavra (ex.: *daimão*, *iaque*, *milípede*, *ocapi*, *quivi*, *tuatara*), os nomes paracientíficos designativos de géneros ou espécies (ex.: *oricteropo*) e os nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos grafados na sua forma do singular e com inicial minúscula (portanto, enquanto denotadores dos componentes de um táxon: *mustelídeo*, *odonato*, etc.)²⁰. Aos *lemas subordinados*, por seu turno, são atribuídos os nomes vernáculos populares constituídos por mais de uma palavra (ex.: *cobra-(de-)capelo*, *cobra-cuspideira*, *cobra-de-vidro*, *pega-azul*, *rã-cachorro*), subsumidos nos artigos encabeçados pela sua primeira palavra componente; os nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição que constam de mais de uma palavra (ex.: *aranha-do-mar* ‘picnogónido’, *carriça-australiana* ‘pássaro da família Maluridae’), subsumidos nos artigos encabeçados pela sua primeira palavra componente; os nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de nomes populares (ex.: *jacaré-de-óculos*, *hipopótamo-pigmeu*, *rabirruivo-preto*, *urso-pardo*), subsumidos nos artigos encabeçados pelos respetivos nomes populares (primeira palavra); e os nomes

moucho (Pt. *mocho*). De facto, uma lista de particularismos lexicais galegos (nem todos legítimos, nem todos integráveis no emergente padrão lexical galego) compilada pela Academia Galega da Língua Portuguesa já foi incorporada ao *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Porto Editora (Malaca Casteleiro, 2009).

²⁰ Acerca do emprego de maiúsculas e minúsculas iniciais com os nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos, podem seguir-se as seguintes convenções, postuladas por Garrido (1998: 1060) e por Pardos (2004: 246): **a**) As denominações paracientíficas usadas *em singular* escrevem-se sempre com minúscula inicial (exceto, claro é, quando as normas ortográficas gerais dispuserem o contrário). Exemplos: «Encontrou um *arionídeo* na armadilha» (família Arionidae → *Arionídeos*), «O *estrigiforme* capturou um ratinho» (ordem Strigiformes → *Estrigiformes*); **b**) As denominações paracientíficas usadas *em plural* escrevem-se com maiúscula inicial quando se referem ao grupo taxonómico enquanto tal, e com minúscula inicial (respeitando as convenções ortográficas gerais) quando se referem, não a um coletivo, mas a cada um dos organismos nele compreendidos. Exemplos: «A família *Arionídeos* apresenta dois géneros ibéricos», «Os *arionídeos* encontrados na armadilha vivem no húmus», «O mocho pertence aos *Estrigiformes*», «Os *estrigiformes* caracterizam-se pela visão escotópica» (ainda que neste último exemplo também seria válida a grafia *Estrigiformes*, no sentido que se refere a seguir: ‘os [animais compreendidos na ordem] Estrigiformes caracterizam-se pela visão escotópica’).

paracientíficos correspondentes a táxones supragenéricos enquanto denotadores de tais táxones, escritos com maiúscula inicial e na sua forma de plural (ex.: *Mustelídeos*, *Odonatos*), subsumidos nos artigos encabeçados pelas respetivas denominações paracientíficas em singular²¹. Por conseguinte, neste nosso modelo, o estatuto dos lemas é determinado pelo critério *morfológico* (cf. Atkins, 2008: 40).

A respeito dos *nomes vernáculos populares e dos nomes vernáculos eruditos surgidos por decalque e/ou composição que constam de mais de uma palavra*, diga-se que o *DACL* e o *DH* os registam como lemas principais, num alvitre que fomenta a clareza expositiva, mas que pode dilatar em excesso a nomenclatura principal²²; pelo contrário, mais poupador de espaço, e condicionado pelo facto de tais nomes apresentarem em castelhano os componentes separados, o *DRAE* relega-os aos lemas subordinados (ex.: *serpiente de cascabel* s. v. ‘serpiente’), como também faz, por exemplo, o *SOED* (ex.: *spitting cobra* s. v. ‘spit’). No relativo aos *nomes vernáculos eruditos que surgem por restrição específica de nomes populares*, dos dicionários em foco, apenas o *DRAE* segue o proceder aqui recomendado, pois o *DACL* também os regista entre os lemas principais, e o *DH* umas vezes os situa como lemas principais (ex.: *rinoceronte*, *rinoceronte-branco*, *rinoceronte-negro*; *tucano*, *tucano-cachorrinho*, *tucano-de-bico-preto*, etc.; *urso*, *urso-branco*, *urso-cinzento*, *urso-de-colar*, etc.) e, outras vezes, de modo imprevisível, como lemas principais e como lemas subordinados simultaneamente, apresentando, então, estes últimos a definição, e os primeiros, exclusiva função remissiva (ex.: *hipopótamo*, *hipopótamo-pigmeu*; *jararaca*, *jararaca-cruzeira*, *jararaca-da-mata*, etc.). Se no caso do *DACL* a pobre cobertura dos nomes vernáculos eruditos evita, nas circunstâncias apontadas, uma expansão excessiva do lemiário principal do dicionário, no caso do *DH*, bastante rico nesse tipo de denominações (v. *supra* 2.1.1), verifica-se de facto tal antieconómica expansão e, além disso, com o seu critério duplo, introduz-se uma incoerência que pode dificultar a consulta da informação.

Em relação aos *nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos*, os três dicionários comportam-se de modos diferentes. Assim, o *DACL*, num proceder gratuitamente antieconómico e suscitador de confusão, duplica os verbetes e regista, para cada táxon, um lema principal referido ao táxon enquanto tal (entrada que apresenta os problemas de surgir em plural e, sobretudo, com uma indevida minúscula inicial!) e um lema principal referido aos membros do táxon (entrada indevidamente tratada apenas como adjetivo, e não como substantivo!). Por sua vez, o *DRAE* regista, para cada táxon, um único verbete, encabeçado pelo nome paracientífico escrito em singular e com minúscula inicial, o qual, na primeira aceção, e enquanto adjetivo e substantivo, é apresentado como

²¹ Neste contexto, um tipo especial de lema subordinado, muito economizador de espaço, é o surgido através da *inserção* ou *incrustação* da correspondente denominação no seio da definição, como se vê, p. ex., no inglês *SOED* (sublinhado nosso): «**redstart** [...] **1.** Any of various Eurasian and N. African birds of the genus *Phoenicurus* (family Turdidae), characterized by their red tails, esp. (more fully *common redstart*) *P. phoenicurus* and (more fully *black redstart*) *P. ochruros*.»; «**mustelid** [...] **A n.** Any of various carnivorous mammals of the family *Mustelidae*, which includes weasels, stoats, badgers, mink, skunks, martens, and otters».

²² Uma outra desvantagem associada à consignação como lemas principais dos nomes vernáculos que constam de mais de uma palavra consiste em que, nalguns casos, assim se produz uma considerável separação entre os componentes de uma mesma série: p. ex., o verbete ‘rã’ acha-se no *DH* na pág. 2370, ‘rã-cachorro’ na pág. 2372 e ‘rã-pimenta’ na pág. 2384 (no *DH-Pl*, respetivamente, nas pág. 3068, 3071 e 3086).

designando um subgrupo de animais que reúnem uma série de características; numa segunda aceção, a voz é definida como designando, na sua forma de plural e com maiúscula inicial, um determinado táxon²³. Já o *DH* apresenta, na nossa opinião, o melhor tratamento dos nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos, pois, amoldando-se ao nosso modelo, os artigos, encabeçados pelo nome escrito em singular e com minúscula inicial (enquanto denotador dos componentes do táxon), apresentam um lema subordinado, em plural e claramente delimitado, que se refere ao táxon enquanto tal. Neste caso, o único problema reside em que o lema subordinado, que deveria surgir com maiúscula inicial, é grafado com minúscula²⁴.

2.2. Análise microestrutural do tratamento lexicográfico

A análise microestrutural do tratamento lexicográfico dispensado pelos nossos três dicionários aos táxones zoológicos centra-se numa série de variáveis, aqui classificadas sob as rubricas «aspetos formais» (alínea 2.2.1) e «rigor na formulação dos lemas e na redação das definições» (alínea 2.2.2), que determinam de um ponto de vista *qualitativo* o valor informativo do dicionário e que têm a ver com o seu *rigor conceptual* e com a sua *correção formal*.

2.2.1. Aspetos formais

Duas questões atinentes à forma são abordadas nesta secção: a organização dos sentidos e a formulação dos lemas, por um lado, e a concorrência de nomes paracientíficos e científicos nos verbetes, por outro²⁵.

²³ Esta fórmula ainda experimenta melhoria na redação anunciada para este tipo de artigos na 23.^a ed. do *DRAE* (cf. sítio internetico da RAE), já que se prevê a explicitação no verbebo (que nesta nova versão consta de uma única aceção) da grafia do nome paracientífico enquanto táxon: «**mustélido, da. 1.** adj. *Zool.* Se dice de los mamíferos carnívoros de cuerpo alargado y patas cortas, con glándulas anales olorosas y piel apreciada en peletería; como el visón, el tejón y la nutria. U. t. c. s. m. ORTOGR. En m. pl. escr. con may. inicial c. taxón. Los Mustélidos.» (sublinhado nosso).

²⁴ Exemplo: «**fringílideo adj. 1** relativo aos fringílideos □ *s.m.* ORN **2** espécime dos fringílideos □ **fringílideos s.m.pl.** ORN **3** fam. de aves passeriformes, dividida em duas subfamílias, com ampla distribuição na América do Norte e no Velho Mundo, sendo representada na América do Sul pelos pintas-silgos □ ETIM lat.cien. fam. *Fringillidae*; ver *fringil(i/o)*».

²⁵ Um terceiro assunto que poderíamos incluir nesta secção já foi oportunamente tratado por Pardos (2004: 246), a saber, a conveniência de renunciar na redação das definições taxonómicas à popular construção elíptica do tipo «a família dos felídeos», em benefício da mais simples e natural «a família Felídeos». Esta observação é, de facto, muito pertinente em relação aos três dicionários em estudo, cujos redatores recorrem profusamente a tal construção. Exemplos: «**melro [...]** *s. m.* [...] Ave passeriforme da família das turdídeas [...]» (*DAFL*, sublinhado nosso); «**felídeo [...]** *s.m.* MASTZOO **2** espécime dos felídeos □ **felídeos s.m.pl.** MASTZOO **3** fam. de mamíferos digitígrados, da ordem dos carnívoros, que compreende [...]» (*DH*, sublinhado nosso); «**félido, da. [...]** **1.** adj. *Zool.* Se dice de los mamíferos digitígrados del orden de los Carnívoros, que tienen la cabeza redondeada y hocico corto, patas anteriores con cinco dedos y posteriores con cuatro, uñas agudas y retráctiles; p. ej., el león y el gato» (*DRAE*, sublinhado nosso).

2.2.1.1. Organização dos sentidos e formulação dos lemas

Nesta alínea interessa aprofundarmos a reflexão sobre a estrutura dos artigos encabeçados por uma denominação paracientífica de táxon supragenérico abordando uma questão de pormenor que nom fora tocada na anterior secção 2.1.3: o tratamento dos valores adjetival e nominal de tais vozes.

Muitos nomes paracientíficos de táxones supragenéricos têm a sua origem na nominalização de um adjetivo primitivo fundamentado nalguma das características salientes do correspondente grupo (ex.: *vertebra* ~ *vértebra* → *vertebratus* ~ *vertebrado* [adj.] → *Vertebrata* ~ *Vertebrados* [s.m.pl.] → *vertebrado* [s.m./adj.]) ou na sufixação de um nome primitivo de carácter prototípico, que origina um substantivo e, secundariamente, um adjetivo (ex.: *mustela* + *-idae* → *Mustelidae* ~ *Mustelídeos* [s.m.pl.] → *mustelídeo* [s.m./adj.]). No primeiro caso, o adjetivo primitivo costuma reter, na língua vernácula, o seu significado originário (ex.: *vertebrado* ‘que possui vértebras’), admitindo, pelo menos teoricamente, a flexão de género (ex.: *coluna vertebrada*)²⁶, e a ele se soma o uso adjetival da voz taxonómica habilitada (ex.: «animal vertebrado»), a qual, em línguas como o português e o espanhol, sempre se utiliza na forma masculina e como restritivo de táxones. No segundo caso, há um único adjetivo envolvido (ex.: *mustelídeo*), que, igualmente, só pode funcionar como restritivo de táxones (ex.: «mamífero mustelídeo») e não admite forma feminina²⁷.

Feitas estas considerações, a seguir indicamos, recorrendo a dois exemplos, qual deve ser, a nosso juízo, a organização funcional dos sentidos no seio dos verbetes encabeçados por estes dois tipos de nomes paracientíficos de táxones supragenéricos:

vertebrado

1. *adj. com flexão de gén.* que possui vértebras.
2. *adj. sem flexão de gén.* (como restritivo da denominação de um grupo de organismos:) pertencente ao subfilo Vertebrados.
3. *s.m.* representante do subfilo Vertebrados. sin. *craniado*.

Vertebrados: subfilo (Vertebrata ou Craniota) de animais integrado por cordados que apresentam esqueleto ósseo ou cartilágneo e crânio que protege o encéfalo; o grupo inclui ágnatos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos. sin. *Craniados*.

mustelídeo

1. *adj. sem flexão de gén.* (como restritivo da denominação de um grupo de organismos:) pertencente à família Mustelídeos.
2. *s.m.* representante da família Mustelídeos.

²⁶ Tenha-se em conta que a posse de uma característica que é típica de um determinado táxon, denotada por estes adjetivos, pode não se restringir aos representantes desse táxon, o que vinca a conveniência de se diferenciarem bem nos verbetes as duas aceções, a estrutural e a taxonómica, dos adjetivos. Assim, p. ex., entre os mamíferos, não são *carnívoros* unicamente os membros da ordem Carnívoros ou Carnívora (p. ex., também o são algumas espécies de marsupiais, como o diabo-da-tasmânia), e não são *ruminantes* unicamente os membros da subordem Ruminantes ou Ruminantia (também o são, p. ex., alguns cangurus e os camelídeos: v. *infra* 2.2.2.2-c).

²⁷ Em inglês, os adjetivos habilitados a partir dos nomes paracientíficos de táxon supragenérico podem modificar qualquer substantivo, com o significado ‘próprio do táxon’, mas tal uso não é idiomático em português nem em espanhol (cf. Navarro, 2000: s. v. ‘vertebrate cell’). Por exemplo: *mammalian blood* > *sangue dos mamíferos* (não **sangue mamífero*); *vertebrate cell* > *célula dos vertebrados* (não **célula vertebrada*).

Mustelídeos: família (Mustelidae) de mamíferos carnívoros que engloba animais de média ou pequena estatura, corpo fino e alongado, cauda comprida, patas curtas, cabeça e orelhas pequenas e glândulas anais odoríferas, a que pertencem, entre outros, o furão e a doninha.

Tomando como referência estes modelos, a seguir assinalamos os *desvios* que se registam na estrutura dos correspondentes verbetes e na formulação dos seus lemas nos três dicionários em foco²⁸: **a)** em nenhum dos nossos três dicionários se adverte o consulente de que os adjetivos habilitados a partir dos nomes paracientíficos de táxon só se podem utilizar como restritivos de denominações de táxon; **b)** no *DACL* e no *DRAE* registam-se explicitamente formas femininas indevidas para os usos adjetivais habilitados a partir de muitos nomes paracientíficos de táxones supragenéricos, tanto do primeiro tipo como do segundo que acima distinguimos (*DACL*: *acantocéfalo, a; felídeo, a; mustelídeo, a; vertebrado, a*; etc.; *DRAE*: *acantocéfalo, la; arácnido, da; félido, da; mustélido, da; protozoo, ria*; etc. [mas, curiosamente, não em *vertebrado!*]); **c)** no *DH* a aceção correspondente ao uso em singular destes nomes paracientíficos apresenta sem-

²⁸ Eis uma amostra desta classe de verbetes nos três dicionários:

vertebrado, a [...] *adj.* (Do lat. *vertebrātus*). **1.** *Zool.* Que pertence ou é relativo aos vertebrados. *Animais vertebrados e invertebrados. Um ser vertebrado.* **2.** *P. Us.* Que tem vértebras. ≈ VERTEBRAL. *Coluna vertebrada.* **3.** Que é bem organizado, bem constituído (*DACL*).

vertebrados [...] *s. m. pl.* (Do lat. *vertebrātus*). **1.** *Zool.* Grande divisão do reino animal, composta por animais possuidores de esqueleto ósseo ou carti[la]ginoso, quase sempre com vértebras individualizadas que constituem a coluna vertebral. *Os mamíferos, as aves, os répteis, os peixes e os ciclóstomos constituem os vários ramos dos vertebrados que se conhecem. «O período de vida máximo calculado para as espécies de vertebrados é de cinco a dez milhões de anos» (Público, 19.10.2000).* **2.** *s. m. Zool.* Animal dessa divisão. *O ser humano é um vertebrado (DACL).*

vertebrado *adj.* (1836 cf. SC) **1** que possui vértebras; vertebral, vertebroso **2** relativo aos vertebrados □ *s.m. ZOO 3* espécime dos vertebrados □ *vertebrados s.m.pl.* (1881) **ZOO 4** subfilo de animais cordados, que compreende os ágnatos, peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos, caracterizados pela presença de coluna vertebral segmentada e de crânio que protege o cérebro □ ETIM lat.cien. subfilo *Vertebrata*, red. da loc.subst. lat. *vertebrata animalia* 'animais vertebrados' de *vertebratus, a, um* 'feito a modo de vértebra, flexível', de *vertēbra, ae* 'vértebra', de *vertēre* 'virar, voltar, girar'; cp. *invertebrado*; ver *vertebr-* e *ver(t/s)-* (*DH*).

vertebrado. (Del lat. *vertebrātus*). **1.** *adj. Zool.* Que tiene vértebras. **2.** *adj. Zool.* Se dice de los animales cordados que tienen esqueleto con columna vertebral y cráneo, y sistema nervioso central constituido por médula espinal y encéfalo. U. t. c. s. m. ORTOGR. En m. pl., escr. con may. inicial c. taxón. *Los Vertebrados (DRAE).*

mustelídeo, a [...] *adj.* (Do lat. *mustēla* ou *mustella* 'doninha' + suf. *-ídeo*). Que pertence ou é relativo aos mustelídeos (*DACL*).

mustelídeos [...] *s. m. pl.* (Do lat. *mustēla* ou *mustella* 'doninha' + suf. *-ídeo*). *Zool. 1.* Família (Mustelidae) de mamíferos carnívoros que engloba animais de média ou pequena estatura, corpo fino e alongado, cauda comprida, patas curtas, cabeça e orelhas pequenas e glândulas anais odoríferas, a que pertencem o furão, a doninha. **2.** *s. m.* Animal dessa família (*DACL*).

mustelídeo. *adj.* (*sXIX*) **1** relativo aos mustelídeos □ *s.m. MASTZOO 2* espécime dos mustelídeos □ **mustelídeos s.m.pl.** *MASTZOO 3* fam. de mamíferos da ordem dos carnívoros, com cerca de 70 spp., distribuídas por todo o mundo, exceto Madagascar e Austrália; de pequeno porte, ger. menores que 1 m, corpo longo e esguio e patas curtas [Inclui, entre outros, as doninhas, os furões, as lontras e a ariranha.] (*DH*).

mustélido, da. (Del lat. *mustēla*, comadreja, e *-ídeo*). **1.** *adj. Zool.* Se dice de los mamíferos carnívoros de cuerpo alargado y patas cortas, con glándulas anales olorosas y piel apreciada en peletería; como el visón, el tejón y la nutria. U. t. c. s. m. ORTOGR. En m. pl., escr. con may. inicial c. taxón. *Los Mustélidos (DRAE).*

pre uma definição iniciada pela palavra *espécime*, o que constitui uma escolha infeliz, porque *espécime* remete para a ideia de indivíduo morto e tratado para o seu depósito numa coleção (mais corretos seriam aqui termos «neutros» como *componente*, *integrante*, *membro* ou *representante*); **d**) nos verbetes do *DRAE* concede-se indevidamente mais destaque ao uso adjetival da denominação de táxon do que ao uso nominal.

2.2.1.2. Concorrência de nomes paracientíficos e científicos nos verbetes encabeçados por nomes paracientíficos de táxones supragenéricos

Embora as denominações científicas dos táxones não devam fazer parte da nomenclatura dos dicionários gerais (v. *supra* 2.1.1), revela-se deveras conveniente que elas surjam nos artigos encabeçados por uma denominação paracientífica de táxon supragenérico, como importante complemento informativo. Nos dicionários gerais, temos registado três modos de se efetuar a indicação de tais denominações científicas: integração direta na definição²⁹, inserção num local constante da definição mediante algum sinal ortográfico ou tipográfico³⁰ ou inclusão na informação etimológica³¹.

Centrando-nos nos três dicionários aqui analisados, é de lamentar que o *DRAE* omita por completo as denominações científicas dos táxones supragenéricos. Quanto ao *DAEL*, ele regista denominações científicas de táxones supragenéricos mediante a sua inserção entre parênteses nas definições (um ótimo alvitre), mas, infelizmente, apenas no caso das famílias de animais (v., p. ex., artigo ‘mustelídeos’ na nota n.º 27), e não nos verbetes consagrados a táxones zoológicos de outras categorias (v., p. ex., artigo ‘vertebrados’ na nota n.º 27). Quanto ao *DH*, ele inclui as denominações científicas de táxones supragenéricos só na secção etimológica (cf., p. ex., artigos ‘mustelídeo’, ‘vertebrado’), com o indesejável efeito de que, quando uma denominação paracientífica portuguesa se aparta um tanto do correspondente nome científico, este já não figura na informação etimológica (ex.: ‘mamífero’ [*Mammalia*], ‘réptil’ [*Reptilia*]).

2.2.2. Rigor na configuração dos lemas e na redação das definições

Este é o aspeto mais técnico, e crítico, do tratamento lexicográfico dos táxones (zoológicos) e, junto com a extensão da nomenclatura, aquele que mais diretamente determina o valor da informação oferecida pelos dicionários no capítulo analisado. A propósito do vocabulário científico, deve admitir-se que um dicionário geral de referência, como os que aqui nos ocupam, não tem de oferecer informação exaustiva, nem tão pormenorizada como um dicionário especializado ou uma enciclopédia, mas, ao mesmo tempo, ele não deve oferecer dados falsos, de modo que, sob esse ponto de

²⁹ Exemplo, *SOED*: «**viverrid** [...] Any of various carnivorous mammals of the family *Viverridae*, which includes the civets and genets, and (usu.) the mongooses».

³⁰ Exemplo, *The New Penguin English Dictionary*: «**viverrid** [...] any of a family of slender weasel-like flesh-eating mammals, including the civets, genets, and mongooses, with usu retractable claws: family *Viverridae*».

³¹ Exemplo, *SOED*: «**viverrid** [...] E20 [mod.L *Viverridae*, see below [...]]».

vista, ao dicionarista é permitido oferecer definições simplificadoras e, até certo ponto, vagas, mas sem nunca incorrer em falsidades³².

Levando em conta que a definição de uma voz designativa de táxon, para aspirar ao rigor e à eficácia (v. *infra*), deve constar tanto de *informação taxonómica* como de uma *enunciação de caracteres*, as questões consideradas a seguir serão três: nomenclatura taxonómica rigorosa e atualizada, informação taxonómica rigorosa e enunciação rigorosa dos caracteres associados aos táxones.

2.2.2.1. Nomenclatura taxonómica rigorosa e atualizada

Nos lemas e nas definições de carácter zoológico, as denominações paracientíficas e científicas empregadas para denotar grupos devem estar corretas conforme as prescrições da nomenclatura zoológica e conforme o estado de conhecimentos da sistemática biológica na altura correspondente. A seguir, como chamada de atenção para esta questão, procedemos a uma categorização de lapsos de carácter nomenclatural que detetámos nas nossas amostras tiradas dos três dicionários:

a) lapsos na grafia e/ou na prosódia dos nomes: **dermóptero* por *dermáptero* (DACL: s. v. 'bicha-cadela')³³, **diplodoco* por *diplódoco* (DACL: s. v. 'diplodoco'), **gnatostomulido* por *gnatostomúlido* (DH: s. v. 'gnatostomulido'), **Mynx* por *Jynx* (DACL: s. v. 'torcicolo'), **Sita* por *Sitta* (DACL: s. v. 'pica-pau': v. *infra*), **Tiopidonotus* por *Tropidonotus* (DACL: s. v. 'cobra-d'água': v. *infra*), indicação errada, como /g/, da pronúncia do g de *zigentoma* (DH: s. v. 'zigentoma').

b) utilização nos nomes paracientíficos de sufixos incorretos que não induz confusão com outras denominações taxonómicas: **foronídio* por *forónido* (DH: s. v. 'foronídio'), **nematelmintio* por *nematelminte* (DH: s. v. 'nematelmintio'), **nematóide* por *nematode* ou *nematódeo* (DH: s. v. 'nematóide'), **turdídeas* por *turdídeos* (DACL: s. v. 'melro').

³² Por exemplo, ao considerarmos as definições de *vertebrado* 'representante do táxon Vertebrados' oferecidas pelos dicionários gerais britânicos *SOED*, *Collins English Dictionary* e *The New Penguin English Dictionary*, constatamos que nenhuma delas chega a ter a completa precisão de um manual de Zoologia (porque, p. ex., nenhuma explica que carecem de coluna vertebral, de vértebras, os vertebrados dos grupos Myxinoidea, Petromyzontida, Holocephali, Acipenseridae, Actinistia e Dipnoi: cf. Westheide e Rieger, 2004: 44), mas, ao mesmo tempo, verificamos que, das três definições, a oferecida pelo *SOED* é a pior, porque parece atribuir a todos os componentes do táxon Vertebrata coluna vertebral, o que é falso («Of or belonging to the subphylum Vertebrata, which comprises chordate animals with a bony or cartilaginous skeleton, skull, and spinal column, and includes fishes, amphibians, reptiles, birds, and mammals.»), de qualidade intermédia é a do *Penguin*, que não contém falsidades, embora não mencione o carácter-chave do grupo, a posse de encéfalo e crânio («any of a large subphylum of animals including the mammals, birds, reptiles, amphibians, and fishes, with a segmented backbone, together with a few primitive forms, e.g. lampreys, in which the backbone is represented by a *notochord* (flexible rod of cells): subphylum Vertebrata.») e, finalmente, a melhor (mas não ideal) é a do *Collins*, que também não contém falsidades, e ainda inclui menção do dito carácter-chave («any chordate animal of the subphylum Vertebrata, characterized by a bony or cartilaginous skeleton and a well-developed brain: the group contains fishes, amphibians, reptiles, birds, and mammals.»).

³³ Aqui, em vez de lapso gráfico, poderá ter-se produzido confusão entre os táxones Dermoptera (que agrupa insetos) e Dermoptera (que agrupa mamíferos). Em qualquer caso, o DACL não regista nem *dermáptero* nem *dermóptero* como lemas.

c) utilização nos nomes paracientíficos de **sufixos incorretos que induz confusão** com outras denominações taxonómicas: **acarídeo* enquanto representante da ordem Acari, por *acárido* ou *acarino* (DACL: s. v. ‘acarídeos’: confusão com a fam. Acaridae), **apoídeo* enquanto representante da superfam. Apoidea, por *apóide* ou *apoide* (DH: s. v. ‘abelha’ e ‘apoídeo’: confusão com um hipotético táxon **Apoidae*, da categoria família), **asterídeo* enquanto representante da classe Asteroidea, por *asteróide* (DACL: s. v. ‘asteróides’: confusão com a fam. Asteridae), **blatídeo* enquanto representante da ordem Blattaria, por *blatário* (DACL: s. v. ‘blatídeos’: confusão com a fam. Blattidae), **cestóide* enquanto representante da classe Cestoda, por *cestode* ou *cestódeo* (DH: s. v. ‘cestóide’: confusão com a subclasse Cestoida), **holotúrido* enquanto representante da classe Holothuroidea, por *holoturoideo* (DRAE: s. v. ‘holotúrido’: confusão com a fam. Holothuridae), **priapulídeo* enquanto representante do filo Priapul(id)a, por *priapulido* (DH: s. v. ‘priapulídeo’: confusão com a fam. Priapulidae), **sipunculídeo* enquanto representante do filo Sipuncul(id)a, por *sipunculido* (DH: s. v. ‘sipunculídeo’: confusão com a fam. Sipunculidae).

d) emprego **formalmente errado dos nomes científicos de géneros e espécies**: **«árdea»* por «*Ardea*» (DACL: s. v. ‘garça’), **«Connochaetes gnu, Zimm.»* por «*Connochaetes gnou Zimm.*» ou, melhor, «*Connochaetes gnou*», **«Naja»* por «*Naja*» (DACL: s. v. ‘cobra-capelo’), **«Turdus merula, Lin.»* por «*Turdus merula L.*» ou, melhor, «*Turdus merula*» (DACL: s. v. ‘melro’) ³⁴.

e) emprego de uma **nomenclatura desatualizada**: **Sita hispaniensis* (DACL: s. v. ²*pica-pau*: por *Sitta europaea*), **Tiopidonotus viperinus* (DACL: s. v. ‘cobra-d’água’: por *Natrix maura*) ³⁵; Acrânios ou Acraniotas (DH: s. v. ‘protocordado’: tratam-se acrânio e acraniota como sinónimos de protocordado; na atualidade, sinónimos de cefalocordado), Afanípteros (DRAE: s. v. ‘afaníptero’: inclusão deste nome desusado, com omissão do hoje habitual sifonáptero) ³⁶, Anfineuros (DRAE: s. v. ‘anfineuro’: táxon hoje largamente substituído por Aplacóforos e Poliplacóforos, nomes não registados no dicionário), Lamelibrânquios (DRAE: s. v. ‘lamelibrânquio’: Lamelibrânquios definido como classe de moluscos, mas hoje o táxon Lamelibrânquios é considerado subclasse, e a classe supraordinada é designada em castelhano por Bivalvos ou Pelecípodos, nomes não registados no dicionário) ³⁷, Ortópteros (DACL: s. v. ‘ortópteros’:

³⁴ Se o DRAE não inclui qualquer nome científico de género ou espécie de animais (v. *infra*), o DACL, quando os inclui (v. *infra*), frequentemente os grafia mal, com uma vírgula supérflua a separar o epíteto específico do nome (abreviado) da correspondente autoridade. De resto, a menção da autoridade nestes nomes científicos zoológicos é aqui por completo desnecessária e, considerando o público destinatário destes dicionários, mesmo inconveniente.

³⁵ No caso das denominações científicas de géneros e espécies, para além das atualizações devidas aos trabalhos de revisão taxonómica clássica (puramente bibliográfica e tipológica), o dicionarista também deve estar a par das novidades nomenclaturais decorrentes da moderna investigação filogenética (de carácter molecular). Assim, p. ex., como conclusão de recentes estudos moleculares (cf. *Wikipedia*: s. v. ‘azure-winged’ ‘magpie’ e ‘blue tit’), o chapim-azul, tradicionalmente conhecido como *Parus caeruleus*, deve adotar o nome *Cyanistes caeruleus*, e a pega-azul da Península Ibérica, de nome tradicional *Cyanopica cyanus* (subsp. *C. c. cooki*), a denominação *Cyanopica cooki*.

³⁶ *Wikipedia*, s. v. *flea*: «Some authorities use the name *Aphaniptera* because it is older, but names above family rank need not follow the ICZN rules of priority, so most taxonomists use the more familiar name [*Siphonaptera*]».

³⁷ Neste contexto, uma boa definição de *lamelibrânquio* oferece-a, p. ex., o SOED, s. v. ‘lamelli-branch’: «A bivalve mollusc (class Bivalvia, formerly Lamellibranchia); spec. any of those with lamellated gills, which comprise the subclass Lamellibranchia.» Por outro lado, o DH erra ao definir *Lamelibrânquios*

(*Continúa*)

definem-se como compreendendo baratas e louva-a-deus, hoje adscritos, respet., às ordens Blattaria e Mantodea), Ortópteros (*DRAE*: s. v. ‘cortapicos’: bichas-cadela adscritas à ordem Ortópteros, em vez de Dermápteros), Tisanuros (*DACL*: s. v. ‘tisanuros’: táxon não monofilético; não se incluem os correspondentes táxones monofiléticos arqueognatos e zigentomas), Tisanuros (*DRAE*: s. v. ‘tisanuro’: táxon não monofilético; não se inclui arqueognato nem zigentoma), Trimeros (*DRAE*: s. v. ‘mariquita’: enquanto subordem dos Coleópteros, táxon desusado)³⁸.

2.2.2.2. Informação taxonómica rigorosa

É claro que na presente altura, em que a divulgação da ciência e a familiarização com a biodiversidade de todo o planeta alcançam grandes setores sociais, se torna necessário que um dicionário geral de referência informe com alguma precisão sobre o *enquadramento sistemático*, a *correspondência taxonómica* e a *abrangência taxonómica* dos grupos designados ou delimitados pelas denominações vernáculas e paracientíficas de organismos.

Neste sentido, uma *definição eficaz* de voz designativa de grupo de organismos deve ser integrada tanto por *informação taxonómica* como por uma *enunciação de caracteres*. Por sua vez, a informação taxonómica consta, em primeiro lugar, de uma *classificação*, que funciona como *genus proximum* e consiste em consignar um ou mais táxones (na sua forma científica, paracientífica ou vernácula), relativamente bem conhecidos, que sejam supraordinados próximos do definido (ex.: gnu → bovídeo ou antílope; lontra → mamífero da fam. Mustelídeos; térmite → inseto); em segundo lugar, de uma *identificação*, consistente na menção do táxon (na sua forma científica ou paracientífica), se existir, que é *coextensivo* do grupo delimitado pela voz definida e que funciona, em conjunto com os caracteres enunciados na definição, como *differentia specifica* (ex.: gnu → antílope do género *Connochaetes*; lontra → mamífero mustelídeo da subfam. Lutríneos; lontra-marinha → lontra da espécie *Enhydra lutris*; térmite → inseto da ordem Isópteros); e, em terceiro lugar, no caso ideal, de uma *especificação de componentes (prototípicos)* (sobretudo, espécies de relevância lexicográfica na obra em causa; ex.: gnu → espécies *Connochaetes taurinus* [gnu-azul] e *C. gnou* [gnu-negro ou gnu-de-cauda-branca]; para dicionário luso-brasileiro: lontra → particularmente, na Europa, a espécie *Lutra lutra* [lontra-europeia], e, na América do Sul, as espécies *Lontra longicaudis* [a lontra-neotropical ou lontra-de-rio-sul-americana] e *Pteronura brasiliensis* [a lontra-gigante ou ariranha]). A este respeito, uma boa definição será a seguinte, que integra eficazmente todos os elementos da informação taxonómica com a enunciação de caracteres:

otter: Any of various semi-aquatic fish-eating mustelid mammals of the subfamily Lutrinae, with short legs, webbed feet, and dense fur, and swimming with great

como uma «antiga subclasse de moluscos bivalves», já que o nome tem plena vigência sistemática para denotar uma subclasse de bivalves.

³⁸ Como se vê, a desatualização da nomenclatura taxonómica é um defeito que atinge especialmente o *DRAE*.

agility; esp. *Lutra lutra* of European rivers. (SOED: s. v.; tradução nossa: «**lontra**: algum dos diversos mamíferos mustelídeos semiaquáticos e piscívoros da subfamília Lutrinae, ágeis nadadores dotados de patas curtas, pés com membranas interdigitais e pele espessa, e, especialmente, *Lutra lutra*, habitante dos rios da Europa»).

Como se vê, a informação taxonómica, convenientemente integrada nas definições, serve para complementar de modo eficaz a enunciação explícita de caracteres, para favorecer a cristalização de redes semânticas ou conceptuais e, sobretudo no caso das vozes que denotam géneros ou espécies, para facilitar, através dos correspondentes nomes (para)científicos, a identificação e o estabelecimento de equivalências entre diferentes línguas³⁹. Nas próximas alíneas, passamos em revista o estado de cada um dos elementos da informação taxonómica das definições nos três dicionários aqui focalizados.

a) Classificação taxonómica

A seguir apresentamos as amostras que, extraídas do *DACL*, do *DH* e do *DRAE*, nos permitirão avaliar a qualidade da classificação taxonómica (= enquadramento sistemático) exibida nas definições dos nossos três dicionários de referência. Nestas amostras figuram entre colchetes as classificações que julgamos ótimas, como alternativa às classificações *erradas*, marcadas com asterisco (a correspondente delimitação é excessivamente restritiva ou focaliza grupos equivocados), ou às classificações *laxas* (a delimitação é excessivamente abrangente) ou às classificações *incompletas* (faltam táxones de níveis intermédios) efetivamente registadas nos dicionários.

DACL: **abelha** (s. v.) → *inseto himenóptero da fam. Apídeos [inseto himenóptero]; **abelhão** (s. v.) → abelha [abelha da fam. Apídeos]; **abelharuco** (s. v.) → *pássaro da fam. Meropídeos [ave coraciiforme]; **ácaro** (s. v.) → artrópode aracnídeo; **andorinha** (s. v.) → pássaro fissirrostro; **andorinhão** (s. v. ‘andorinhão¹’) → ave [ave apodiforme]; **antílope** (s. v.) → mamífero artiodáctilo ruminante [artiodáctilo (ruminante) bovídeo]; **aranha** (s. v.) → *inseto [artrópode do grupo Arácnidos]; **cachalote** (s. v.) → mamífero cetáceo (com dentes) [mamífero cetáceo odontoceto]; **chapim** (s. v.) → *ave passeriforme da fam. Parídeos [ave passeriforme]; **cobra-de-capelo** (s. v. ‘cobra-capelo’) → serpente [serpente da fam. Elapídeos]; **gaio** (s. v.) → ave da fam. Corvídeos [ave passeriforme da fam. Corvídeos]; **gineta** (s. v.) → mamífero carnívoro da fam. Viverrídeos; **gnu** (s. v.) → mamífero da ordem Artiodáctilos e fam. Bovídeos; **golfinho** (s. v.) → mamífero cetáceo (provido de dentes) [mamífero cetáceo odontoceto]; **gorgulho** (s. v.) → inseto coleóptero; **grilo-toupeira** (s. v. ‘ralo’) → inseto ortóptero; **joaninha** (s. v.) → *inseto coleóptero da fam. Coccinelídeos [inseto coleóptero = besouro]; **lampreia** (s. v.) → *peixe [vertebrado ágnato]; **lesma** (s. v.) → molusco gastrópode [molusco gastrópode pulmonado]; **lontra** (s. v.) → mamífero carnívoro da fam. Mustelídeos; **melro** (s. v.) → ave passeriforme da fam. Turdídeos; **orca** (s. v.) → mamífero cetáceo da fam. Delfinídeos; **peixe-boi** (s. v.) → mamífero [mamífero sirénio]; **picanço** (s. v.) → ave pas-

³⁹ No entanto, não se deve exagerar a importância da informação taxonómica ao ponto de preterir ou eliminar a enunciação de caracteres. Assim, p. ex., a seguinte definição do *SOED* enferma de evidente desequilíbrio, ao centrar-se quase exclusivamente na adscrição taxonómica e esquecer quase completamente a enunciação de caracteres: «**alder**: Any tree of the genus *Alnus*, related to the birch; esp. *A. glutinosa*, common in wet places» (trad. nossa: «**amieiro**: qualquer das árvores do género *Alnus*, relacionadas com o videiro, e, especialmente, *A. glutinosa*, comum em locais húmidos.»). Compare-se, p. ex., com a definição, mais equilibrada, oferecida pelo *Collins English Dictionary*: «**alder**: any N temperate betulaceous shrub or tree of the genus *Alnus*, having toothed leaves and conelike fruits. The bark is used in dyeing and tanning and the wood for bridges, etc. because it resists underwater rot» (trad. nossa: «**amieiro**: qualquer dos arbustos ou árvores betuláceas do género *Alnus*, das regiões temperadas do hemisfério N, que apresentam folhas denteadas e frutos em forma de cones. A casca utiliza-se em tinturaria e curtimento e a madeira na construção de pontes, etc., dado que ela é resistente à putrefação quando imersa na água»).

seriforme; **pica-pau** (s. v.) → ave piciforme da fam. Picídeos; **piolho** (s. v.) → inseto; **pulga** (s. v.) → *inseto díptero [inseto]; **pulgão** (s. v.) → inseto hemíptero; **rabirruivo** (s. v.) → ave da fam. Turdídeos [ave passeriforme da fam. Turdídeos]; **rola** (s. v.) → ave da fam. Columbídeos [ave columbiforme da fam. Columbídeos]; **ruminante** (s. v. 'ruminantes') → mamífero artiodáctilo; **tentilhão** (s. v.) → pássaro da fam. Fringílidos; **térmita** (s. v.) → *inseto da ordem Isópteros [inseto]; **torcicolo** (s. v.) → ave da fam. Picídeos [ave piciforme da fam. Picídeos]; **vertebrado** (s. v. 'vertebrados') → reino animal [animais cordados].

DH: **abelha** (s. v.) → inseto himenóptero; **abelhão** (s. v. 'mamangaba') → abelha da fam. Apídeos; **abelharuco** (s. v. 'abelheiro') → *ave coraciiforme da fam. Meropídeos [ave coraciiforme]; **ácaro** (s. v.) → aracnídeo [artrópode aracnídeo]; **andorinha** (s. v.) → ave passeriforme; **andorinhão** (s. v. 'andorinhão¹⁾') → ave apodiforme; **antílope** (s. v.) → mamífero bovídeo; **aranha** (s. v.) → artrópode aracnídeo; **cachalote** (s. v.) → baleia (com dentes) [mamífero cetáceo odontoceto]; **chapim** (s. v.) → *ave passeriforme da fam. Parídeos [ave passeriforme]; **cobra-de-capelo** (s. v.) → serpente da fam. Elapídeos; **gaio** (s. v.) → ave da fam. Corvídeos [ave passeriforme da fam. Corvídeos]; **gineta** (s. v. '2geneta') → mamífero carnívoro da fam. Viverrídeos; **gnu** (s. v.) → antílope; **golfinho** (s. v.) → mamífero cetáceo [mamífero cetáceo odontoceto]; **gorgulho** (s. v.) → besouro; **grilo-toupeira** (s. v.) → inseto ortóptero; **joaninha** (s. v.) → besouro; **lampreia** (s. v.) → vertebrado ágnato; **lesma** (s. v.) → molusco gastrópode pulmonado; **lontra** (s. v.) → mamífero carnívoro da fam. Mustelídeos; **melro** (s. v.) → *ave passeriforme da fam. Muscicapídeos [ave passeriforme da fam. Turdídeos]; **orca** (s. v.) → cetáceo da fam. Delfínídeos; **peixe-boi** (s. v.) → mamífero sirénio; **picanço** (s. v.) → ave passeriforme; **pica-pau** (s. v.) → ave piciforme [ave piciforme da fam. Picídeos]; **piolho** (s. v.) → inseto; **piramboia** (s. v.) → peixe dipnoico da fam. Lepidossirenídeos; **pulga** (s. v.) → inseto; **pulgão** (s. v.) → inseto [inseto hemíptero]; **rola** (s. v.) → ave columbiforme da fam. Columbídeos; **ruminante** (s. v.) → mamífero artiodáctilo; **tentilhão** (s. v.) → ave passeriforme da fam. Fringílidos; **térmita** (s. v. 'cupim') → inseto; **torcicolo** (s. v.) → ave da fam. Picídeos [ave piciforme da fam. Picídeos]; **vertebrado** (s. v.) → animal cordado.

DRAE: **abelha** (s. v. 'abeja') → inseto himenóptero; **abelhão** (s. v. 'abejorro') → inseto himenóptero [abelha da fam. Apídeos]; **abelharuco** (s. v. 'abejaruco') → *pássaro da ordem Sindáctilos [ave coraciiforme]; **ácaro** (s. v.) → aracnídeo [artrópode aracnídeo]; **andorinha** (s. v. 'golondrina') → *pájaro* [ave passeriforme da fam. Hirundínídeos]; **andorinhão** (s. v. 'vencejo') → *pájaro* [ave apodiforme]; **antílope** (s. v.) → mamífero ruminante [mamífero (ruminante) bovídeo]; **aranha** (s. v. 'araña') → aracnídeo [artrópode aracnídeo]; **cachalote** (s. v.) → cetáceo (com dentes) [mamífero cetáceo odontoceto]; **cobra-de-capelo** (s. v. 'serpiente de anteojos') → réptil ofídio [serpente da fam. Elapídeos]; **gaio** (s. v. 'arrendajo') → ave da ordem Passeriformes [ave passeriforme da fam. Corvídeos]; **gineta** (s. v. 'jineta') → mamífero viverrídeo [mamífero carnívoro viverrídeo]; **gnu** (s. v. 'ñu') → antílope; **golfinho** (s. v. 'delfín') → cetáceo [mamífero cetáceo odontoceto]; **gorgulho** (s. v. 'gorgojo') → inseto coleóptero; **grilo-toupeira** (s. v. 'alacrán cebollero') → inseto ortóptero; **herrerillo** (s. v.; como equivalente parcial de *chapim*) → *pájaro* [ave passeriforme da fam. Parídeos]; **joaninha** (s. v. 'mariquita') → inseto coleóptero da subordem Trimeros; **lampreia** (s. v. 'lamprea') → *pez da ordem Ciclostomos [vertebrado ágnato ciclóstomo]; **lesma** (s. v. 'babosa') → molusco gastrópode pulmonado; **lontra** (s. v. 'nutria') → *mamífero carnívoro* [mamífero carnívoro da fam. Mustelídeos]; **melro** (s. v. 'mirlo') → *pájaro* [ave passeriforme da fam. Turdídeos]; **orca** (s. v.) → cetáceo [mamífero cetáceo da fam. Delfínídeos]; **peixe-boi** (s. v. 'manatí') → mamífero sirénio; **picanço** (s. v. 'alcaudón') → *pájaro* [ave passeriforme]; **pica-pau** (s. v. 'pájaro carpintero') → ave [ave piciforme da fam. Picídeos]; **piolho** (s. v. 'piojo') → *inseto hemíptero [inseto]; **pulga** (s. v.) → *inseto da ordem Dípteros [inseto]; **pulgão** (s. v. 'pulgón') → inseto hemíptero; **rabirruivo** (s. v. 'colirrojo') → «pájaro de la misma familia que el tordo» [ave passeriforme da fam. Turdídeos]; **rola** (s. v. 'tortola') → ave da ordem Columbiformes [ave columbiforme da fam. Columbídeos]; **ruminante** (s. v. 'ruminante') → mamífero artiodáctilo; **tentilhão** (s. v. 'pinzón') → ave passeriforme [ave passeriforme da fam. Fringílidos]; **térmita** (s. v. 'termes') → inseto; **torcicolo** (s. v. 'torcecuello') → ave [ave piciforme da fam. Picídeos]; **vertebrado** (s. v.) → animal cordado.

A partir destas amostras, vê-se que, dos três dicionários, o *DH* é o que apresenta, de longe, classificações taxonómicas mais exatas (29 de 36), enquanto o *DACL* (18 de 36) e, sobretudo, o *DRAE* (só 13 de 36) enfermam de bastante imprecisão. As classificações laxas abundam em especial no *DRAE* (15; 7 no *DACL* e apenas 2 no *DH*), e as erradas no *DACL* (8, das quais 3 por focalização impertinente), se bem que às 3 classificações erróneas por nós registadas no *DRAE* (as 3 por focalização impertinente) também caberia

acrescentar o caso em que se recorre à voz *pájaro* para classificar aves que não pertencem à ordem Passeriformes (na nossa amostra, *s. v.* ‘abejaruco’ e ‘vencejo’), uso porventura vulgar demais para um dicionário de cultura⁴⁰.

b) Identificação taxonómica

A realização de identificações taxonómicas rigorosas (quer dizer, o estabelecimento de correspondências taxonómicas corretas) nas definições de vozes designativas de (grupos de) organismos requer de um bom conhecimento da biodiversidade e da sistemática biológica e constitui, portanto, um desafio para os dicionaristas (cf. Alvarado, 1983). Para avaliarmos o rigor com que cada um dos nossos dicionários de referência se conduz neste capítulo, a seguir compilamos três tabelas comparativas com as vozes consideradas na anterior alínea *a*. Tenha-se em conta que, nalguns casos, não existe correspondência taxonómica simples, devido a que algumas vozes vernáculas designam conjuntos de organismos que não são *monofiléticos* (grupos «não naturais»), de modo que, nesses casos, a precisão deverá atingir-se na definição através da especificação dos respetivos componentes (prototípicos) e da enunciação eficaz dos respetivos caracteres⁴¹.

Tabela 2: Vozes cuja correspondência taxonómica é um único táxon (monofilético) de categoria supragenérica

vozes	correspondência taxonómica	DACL	DH	DRAE
<i>abelha/abeja</i>	superfam. Apoidea	MAL: só <i>Apis mellifera</i>	BEM	Ø (caracteres: só <i>Apis mellifera</i>)
<i>abelharuco/abejaruco</i>	fam. Meropidae	MAL: só <i>Merops apiaster</i>	MAL: só <i>Merops apiaster</i>	Ø (caracteres: só <i>Merops apiaster</i>)
<i>ácaro/ácaro</i>	ordem Acari = Acarina	BEM (com incorreção no sufixo da denom.)	BEM	Ø
<i>andorinha/</i>	fam. Hirundinidae	BEM	BEM	—
<i>andorinhão/vencejo</i>	fam. Apodidae	MAL (subord. à fam. Apodidae)	BEM	Ø
<i>aranha/araña</i>	ordem Araneae	MAL (fam. Aracnídeos)	BEM	Ø
<i>cachalote/cachalote</i>	superfam. Physeteroidea	Ø (caracteres: só <i>Physeter catodon</i>)	MAL: só <i>Physeter catodon</i>	Ø (caracteres: só <i>Physeter catodon</i>)
<i>grilo-toupeira/alacrán cebollero</i>	fam. Gryllotalpidae	MAL (só <i>Gryllotalpa gryllotalpa</i>)	BEM	Ø
<i>lampreia/lamprea</i>	ordem Petromyzontiformes	Ø	BEM	Ø
<i>lontra/nutria</i>	subfam. Lutrinae	Ø	MAL: só <i>Lutra</i>	Ø (caracteres: só <i>Lutra</i>)
<i>peixe-boi/manatí</i>	fam. Trichechidae	BEM	BEM	Ø
<i>picanço/alcaudón</i>	fam. Laniidae	BEM	BEM	Ø

⁴⁰ No *DRAE*, *pájaro* equivale a ‘ave de pequeno tamanho’ (assim, *águila* é definida como «ave rapaz», *párido* como «pájaro pertenciente a las Paseriformes» e *vencejo* como «pájaro»). Rafael Alvarado (1982: 46 e 47), no seu discurso de ingresso na RAE, qualifica de inapropriada tal definição de *vencejo*.

⁴¹ Permitimo-nos assinalar aqui três obras que podem constituir um valioso auxiliar para estabelecer de modo preciso as correspondências taxonómicas: as versões inglesa e alemã da enciclopédia internetica *Wikipedia* (<www.wikipedia.org>), a enciclopédia de Biologia *Lexikon der Biologie* (Sauermost, 1999-2004) e, em relação aos animais invertebrados, o dicionário de Zoologia e Sistemática de Carlos Garrido (inédito).

<i>pica-pau/pájaro carpintero</i>	subfam. Picinae	MAL: fam. Picidae	MAL: fam. Picidae	Ø
<i>pioholho/piojo</i>	ordem Phthiraptera	Ø (caracteres: só Anoplura e Rhynchophthirina)	BEM	MAL: só Anoplura
<i>pulga/pulga</i>	ordem Siphonaptera	Ø	BEM	Ø
<i>pulgão/pulgón</i>	subordem Homoptera	Ø	BEM	Ø
<i>ruminante/rumiante</i>	subordem Ruminantia	BEM	BEM	BEM
<i>térmita/termes</i>	ordem Isoptera	BEM	BEM	BEM
<i>vertebrado/vertebrado</i>	subfilo Vertebrata	BEM	BEM	BEM

Tabela 3: Vozes cuja correspondência taxonómica é um único táxon (monofilético) de categoria genérica ou específica

vozes	correspondência taxonómica	DACL	DH	DRAE
<i>abelhão/abejorro</i>	gén. <i>Bombus</i>	Ø	BEM	Ø
<i>abetouro/avetoro</i>	gén. <i>Botaurus</i> (*)	MAL: só <i>B. stellaris</i>	MAL: só <i>B. stellaris</i> (**)	Ø (caracteres: só <i>B. stellaris</i>)
<i>gineta/jineta</i>	gén. <i>Genetta</i>	BEM	BEM	Ø
<i>gnu/ñu</i>	gén. <i>Connochaetes</i>	MAL: só <i>C. gnou</i>	BEM	Ø
<i>melro/mirlo</i>	esp. <i>Turdus merula</i>	BEM	BEM	Ø
<i>orca/orca</i>	esp. <i>Orcinus orca</i>	BEM	BEM	Ø
<i>piramboia</i>	esp. <i>Lepidosiren paradoxa</i>	—	BEM	—
<i>rabirruivo/colirrojo</i>	gén. <i>Phoenicurus</i>	Ø	—	Ø
<i>tentilhão/pinzón</i>	gén. <i>Fringilla</i>	MAL: só <i>F. coelebs</i>	MAL: só <i>F. coelebs</i>	Ø (caracteres: só <i>F. coelebs</i>)
<i>torcicolo/torcecuello</i>	gén. <i>Jynx</i>	MAL: só <i>Jynx torquilla</i>	MAL: só <i>Jynx torquilla</i>	Ø (caracteres: só <i>J. torquilla</i>)

(*) Em sentido lato, os abetouros também podem julgar-se como constituindo a subfam. Botaurinae dos Ardeídeos.

(**) No DH consta também o abetouro-sul-americano (*Botaurus pinnatus*), mas s. v. ‘socó-boi-baio’.

Tabela 4: Vozes cuja correspondência taxonómica não é um único táxon (monofilético), de modo que aquela pode indicar-se apenas mediante a especificação de componentes (prototípicos)

vozes	correspondência taxonómica	DACL	DH	DRAE
<i>golondrina</i>	<i>Hirundo</i> , <i>Notiochelidon</i> , <i>Progne</i> , etc.	—	—	Ø
<i>antílope/antílope</i>	camurça, gazela, gnu, impala, etc.	Ø	Ø	BEM (citam-se como prototípicos: camurça, gazela)
<i>Chapim</i>	Paridae + Aegithalidae + <i>Panurus</i>	MAL: só <i>Parus</i>	MAL: só <i>Parus</i>	—
<i>herrerillo</i>	<i>Parus cristatus</i> + <i>P. caeruleus</i> + <i>P. cyanus</i> , etc.	—	—	Ø
<i>cobra-(de-) capelo/serpiente de anteojos = cobra</i>	<i>Naja</i> , <i>Ophiophagus</i> , <i>Pseudohaje</i> , etc.	MAL: só <i>Naja</i>	MAL: só <i>Naja</i>	Ø
<i>gaio/arrendajo</i>	<i>Garrulus</i> , <i>Perisoreus</i> , <i>Cyanocitta</i> , etc.	MAL: só <i>Garrulus glandarius</i>	MAL: só <i>Garrulus glandarius</i>	Ø
<i>golfinho/delfin</i>	Delphinidae (exceto orca) + Platanistoidea	MAL: só espécies marinhas, e cita-se como prototípico <i>Delphinus delphis</i>	MAL: só espécies marinhas, e citam-se como prototípicos os Delphinidae	Ø

<i>gorgulho/gorgojo</i>	Curculionidae + Anthribidae + Bruchidae	BEM	MAL: só Curculionidae	∅
<i>lesma/babosa</i>	Gastropoda Pulmonata: Systelommatophora + Stylommatophora: Sigmurethra (Arionidae + Agriolimacidae + Limacidae + Milacidae + Parmacellidae + Philomycidae + Testacellidae + Trigonochlamyidae, etc.)	MAL: só Limacidae	BEM (citam-se como prototípicos os Limacídeos)	∅

Como se infere a partir do estudo das três tabelas anteriores, entre os nossos dicionários de referência, volta a ser o *DH* que, de longe, se revela como mais rigoroso no capítulo da identificação taxonómica (ao todo, nas nossas amostras, 22 identificações corretas de 35; *DACL*: 11/35; *DRAE*: 4/35), se bem que também ele esteja aqui precisado de certo melhoramento. Nomeadamente, o aspeto que o *DH* deve corrigir para atingir a excelência no capítulo da identificação taxonómica consiste em evitar indevidas restrições surgidas ao tomar em consideração para a correspondência taxonómica apenas a parte da extensão de um táxon que se apresenta (no âmbito luso-brasileiro) como prototípica (ex.: *abelharuco* = só a espécie ibérica *Merops apiaster*, e não as c. 25 espécies extraeuropeias, africanas e asiáticas; *cachalote* = só *Physeter catodon*, e não as espécies do gén. *Kogia*; *cobra-capelo*: só *Naja*, e não *Ophiophagus*, *Pseudohaje*, etc.; *tentilhão* = só o tentilhão-comum [*Fringilla coelebs*], com exclusão do tentilhão-montês [*F. montifringilla*] e do tentilhão-do-teide [*F. teydea*]; *torcicolo* = só a espécie ibérica *Jynx torquilla*, e não a espécie extraibérica e africana *J. ruficollis*)⁴². Esta deficiência do *DH* é especialmente acusada no caso de vozes cuja correspondência taxonómica não consiste num único táxon (tabela 4: 5 casos errados de 7!)⁴³.

⁴² Nalgum caso, é a deficiente estruturação e redação das definições do *DH* que pode originar a impressão de uma indevida redução da extensão do grupo designado por uma voz. Assim, p. ex., s. v. *sucuri* (= anaconda), a redação da primeira definição parece apontar para uma correspondência monoespecífica (*sucuri* = espécie *Eunectes murinus*), embora já a segunda definição do verbete (aceção 2) deixe claro que a correspondência correta é *sucuri* = género *Eunectes*: «**sucuri**: s.f. [...] HERP 1 serpente da fam. dos boídeos (*Eunectes murinus*), encontrada do Norte da América do Sul até a Bolívia e Paraguai, de coloração marrom, verde ou olivácea, com grandes manchas pretas arredondadas; é a maior serpente do mundo, podendo alcançar cerca de 10 m de comprimento, e vive à beira da água ou mergulhada em rios e lagoas, onde se alimenta de vertebrados de tamanhos variados, que são mortos ger. por constrição [...]. 2 m.q. *sucuri-amarela* (*Eunectes notaeus*).». Compare-se com a redação mais clara (embora menos informativa) do *SOED*: «**anaconda**: Orig., a large python of Ceylon (Sri Lanka). Now, a S. American boa of the genus *Eunectes*, esp. the very large, semi-aquatic *E. murinus*. Also *loosely*, any large constricting snake».

⁴³ Observe-se, nas definições que o *SOED* oferece de, respet., *abelharuco*, *cobra-capelo*, *gaio* e *torcicolo*, como pode evitar-se tal indevida restrição (sem renunciar, por sinal, a destacar os correspondentes elementos prototípicos!; sublinhados nossos): «**bee-eater**: a brightly coloured insectivorous bird of the family Meropidae; *esp. Merops apiaster, a rare visitor to Britain (wattled bee-eater)*»; «**cobra**: Any of a number of venomous Asian and African snakes *esp. of the genus Naja*, which can dilate their necks to form a hood when excited.»; «**jay**: Any of various medium-sized birds of the crow family, with varied, often

(*Continúa*)

O comportamento do *DACL* neste capítulo é pior, porquanto as identificações taxonómicas erradas são numerosas (15 ao todo) e, a elas, ainda se somam 9 casos de falta de identificação (dos quais, a julgarmos pelos caracteres enunciados na definição, 2 correspondem a identificações erradas). As faltas de identificação atingem tanto vezes que designam táxones supragenéricos (6 faltas de 18 casos na nossa amostra) como vezes que designam géneros e espécies (2 faltas de 9 casos na nossa amostra)⁴⁴. No *DACL* também a identificação se revela mais pobre nos casos em que a correspondência taxonómica não consiste num único táxon (só 1 caso correto de 7), sendo a causa de tais dislates, quase sempre, as indevidas restrições prototípicas.

Se o rendimento do *DACL* no capítulo da identificação taxonómica é pobre, o do *DRAE* pode ser qualificado, verdadeiramente, de misérrimo. Com efeito, na nossa amostra são 30, de um total de 35, os casos em que o *DRAE* não oferece qualquer identificação taxonómica, e há 1 caso de identificação patentemente errada (ao qual devem acrescentar-se 7 casos de falta de identificação que apontam, pela análise dos caracteres enunciados na definição, para identificações erradas). Se, dos 4 casos restantes, descontarmos 2 casos que correspondem a denominações paracientíficas (*rumiante* e *vertebrado*) e 1 que se resolve mediante designação de componentes prototípicos pelos correspondentes nomes vernáculos populares (*antílope*), resta apenas 1 caso (*termes*) de identificação taxonómica correta mediante nome científico ou paracientífico. E esse é, por sinal, o fator fundamental que explica o péssimo comportamento do *DRAE* no relativo à identificação taxonómica: a sua desistência de utilizar denominações científicas ou paracientíficas (corretas e atualizadas) de táxones supragenéricos e denominações científicas de táxones genéricos e específicos, renúncia esta muito vincada, mas não completa, no caso dos táxones supragenéricos, e renúncia já constante no caso dos géneros e espécies. Esta deficiência, que segrega o *DRAE* de outros dicionários gerais de referência de grandes línguas (para já, das línguas portuguesa e inglesa), e que não condiz, como dissemos, com um repositório lexicográfico que queira ir ao encontro das necessidades de consulta dos utentes contemporâneos de uma língua de cultura, já foi alvo, em várias ocasiões, de crítica explícita, acompanhada das correspondentes exortações a incorporar os nomes técnicos, mas, infelizmente, tais críticas e exortações, provenientes de pessoas assaz autorizadas e próximas da RAE (entre outras, J. Bolívar Pieltain [cf. Alvarado, 1982: 45], Rafael Alvarado [Alvarado, 1982: 45] e Fernando Pardos [Pardos, 2004: 247]⁴⁵), não têm sido, até agora, devidamente atendidas.

colourful, plumage; *spec.* the Eurasian *Garrulus glandarius*, a raucous, woodland bird with pinkish-brown plumage marked with black, white, and blue. See blue jay, Siberian jay, Steller's jay.»; «**wryneck**: Either of two Old World birds with cryptic plumage of the genus *Jynx* (family Picidae), characterized by their habit of twisting and writhing the neck when disturbed; *esp.* (more fully northern wryneck) *Jynx torquilla*, of Eurasia and N. Africa».

⁴⁴ Embora, em feliz contraste com o *DRAE*, não se possa dizer que o *DACL* carece de nomes científicos de géneros e espécies de animais, tais lacunas são verdadeiramente frequentes e não é difícil deparar-se com elas ao folhear o dicionário (ex.: *s. v.* *andorinha*, *garça-boieira*, *garça-real*, *lampreia*, *lontra*, *rola...*).

⁴⁵ «Otra cosa es la conveniencia de registrar los nombres científicos de las especies o los taxones en la microestructura del diccionario, en las definiciones. De esto sí soy ferviente partidario. No por aportar un

c) *Especificação taxonómica*

A enunciação dos grupos taxonómicos subordinados (de qualquer categoria) que fazem parte do táxon designado por uma voz (*abrangência taxonómica*) representa, como vimos, um componente importante da informação sistemática que devem incorporar as definições de um dicionário geral de referência. Tal especificação taxonómica deverá ser *exaustiva* quando os táxones subordinados componentes forem pouco numerosos e/ou todos eles apresentarem relevância lexicográfica (ex.: Vertebrados → Ágnatos [ou Ciclostomos] + Peixes + Anfíbios + Répteis + Aves + Mamíferos; cachalote → cachalote [*Physeter catodon*] + cachalote-anão [*Kogia simus*] + cachalote-pigmeu [*K. breviceps*]), e *seletiva*, restrita a *táxones prototípicos*, quando os componentes forem numerosos e/ou apenas poucos componentes apresentarem relevância lexicográfica (ex.: há 11 espécies de rabirruivos [género *Phoenicurus*], mas apenas duas, *P. phoenicurus* [rabirruivo-de-testa-branca] e *P. ochrurus* [rabirruivo-preto] vivem em países de língua portuguesa ou espanhola, as duas espécies que devem especificar-se nos nossos dicionários; há 26 espécies catalogadas de abelharucos [fam. Meropidae], mas só o abelharuco-comum ou abelharuco-europeu [*Merops apiaster*] habita na Península Ibérica e deve ser especificado nos nossos dicionários).

A seguir, com o objeto de avaliarmos o comportamento dos nossos dicionários no relativo à especificação taxonómica incorporada nas definições⁴⁶, compilamos uma amostra de vozes integrada por todos aqueles elementos da anterior epígrafe *b* que claramente nos parece merecerem tal especificação (prototípica ou exaustiva)⁴⁷. Em cada caso, apenas se consigna o dicionário ou dicionários que apresentam a correspondente identificação taxonómica correta (marcam-se com os símbolos † ou * os táxones efetivamente especificados na correspondente definição):

Especificação taxonómica prototípica (consignam-se componentes de relevância lexicográfica em dicionários de português e espanhol):

abelha → género *Apis** e, especialmente, *A. mellifera*, a abelha-comum ou abelha-doméstica*: *DH*: 2/2.

toque de erudición, sino por prestar un servicio al consultante, que no lector, del diccionario. Si, como hemos visto, un diccionario de lengua general no puede ser todo lo exhaustivo o metódico que alguien pueda necesitar en un momento determinado, sí al menos debería aportar la información suficiente, los datos que sirvan de pista, de nexos o de enlace para extender la búsqueda en ámbitos más especializados. Esa es la función de los nombres científicos y de la taxonomía en un diccionario» (Pardos, 2004: 247).

⁴⁶ Tenha-se em conta que a especificação taxonómica de que aqui se fala é feita unicamente nas definições (simples ou complexas, i. é, subdivididas), e não mediante a inclusão na nomenclatura do dicionário (aspeto este já tratado anteriormente, no capítulo de macroestrutura). Assim, p. ex., no caso das andorinhas, poderá conceber-se que a nomenclatura de um dicionário luso-brasileiro inclua, como espécies de relevância lexicográfica (ibéricas e sul-americanas), a *andorinha-azul-e-branca* (*Notiochelidon cyanoleuca*), a *andorinha-das-barreiras* (*Riparia riparia*), a *andorinha-das-chaminés* (*Hirundo rustica*), a *andorinha-das-rochas* (*H. ruprestris*), a *andorinha-dáurica* (*H. daurica*), a *andorinha-dos-beirais* (*Delichon urbica*), a *andorinha-doméstica-grande* ou *taperá* (*Progne chalybea*) e a *andorinha-da-serra* ou *uiriri* (*Stelgidopteryx ruficollis*), mas, como componentes prototípicos do grupo, nós apenas proporemos para constar na definição a *andorinha-das-chaminés* e a *andorinha-doméstica-grande* ou *taperá*.

⁴⁷ Por agora deixamos de parte, nesta compilação, as vozes de correspondência taxonómica múltipla (tabela 4).

andorinha → andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica*)* [Península Ibérica e América] + andorinha-doméstica-grande ou taperá (*Progne chalybea*)* [América do Sul]: *DACL*: 0/2; *DH*: 2/2.

andorinhão → andorinhão-de-coleira (*Streptoprocne zonaris*) [América do Sul] + andorinhão-preto (*Apus apus*) [Península Ibérica]: *DH*: 0/2.

gineta → gineta-comum ou gineta-europeia (*Genetta genetta*): *DACL*: 0/1; *DH*: 0/1.

grilo-toupeira → grilo-toupeira-europeu (*Gryllotalpa gryllotalpa*)* + grilo-toupeira-sul-americano (*Neocurtilla hexadactyla*)*: *DH*: 2/2.

lampreia → lampreia-marinha (*Petromyzon marinus*)* + lampreia-dos-rios (*Lampetra fluviatilis*)*: *DH*: 2/2.

piolho → anopluros*, especialmente o piolho-humano-da-cabeça (*Pediculus capitis*)*, o piolho-humano-da-roupa (*P. humanus*)* e o piolho-do-púbis ou chato (*Phthirus pubis*) + malófagos: *DH*: 3/5.

pulga → pulga-do-homem (*Pulex irritans*)*: *DH*: 1/1.

Especificação taxonómica exhaustiva:

gnu → gnu-azul (*Connochaetes taurinus*)* + gnu-negro ou gnu-de-cauda-branca (*C. gnou*)*: *DH*: 2/2.

peixe-boi → peixe-boi-da-amazônia (*Trichechus ininguis*)* + peixe-boi-caribe (*T. manatus*)* + peixe-boi-africano (*T. senegalensis*): *DACL*: 0/3; *DH*: 2/3.

ruminante → Tragulídeos + Girafídeos* + Bovídeos*† + Mosquídeos + Cervídeos*† + Antilocaprídeos: *DACL*: 0/6; *DH* (*): 3/6; *DRAE* (†): 2/6 + indevido Camelídeos.

vertebrado → Ágnatos ou Ciclostomos†* + Peixes†* + Anfíbios* + Répteis†* + Aves†* + Mamíferos†*: *DACL* (†): 5/6; *DH* (*): 6/6; *DRAE*: 0/6.

Como caberia esperar, o *DH* é, dos três dicionários analisados, aquele que mais bem se comporta quanto à especificação taxonómica das definições (na nossa amostra, 25 componentes especificados de um total de 34 possíveis), pois o *DACL*, a esse respeito, se revela bastante pobre (5/18), e o *DRAE*, de harmonia com a sua renúncia à precisão taxonómica (ausência ou escassez de identificações, de nomes científicos, de nomes vernáculos eruditos), quase não inclui especificações (na nossa amostra, 2/12, mais uma terceira errada: camelídeos como pertencentes aos Ruminantes⁴⁸). Um capítulo particular, e especialmente importante, da especificação taxonómica em que os três dicionários, incluindo o *DH*, devem melhorar é o das vozes cuja correspondência taxonómica não é constituída por um único táxon, pois, na nossa amostra, por exemplo, o *DACL* e o *DH*, de 7 casos, só resolvem airoosamente um (v. tabela 4).

⁴⁸ Também o *SOED* inclui indevidamente na definição de *Ruminants* os Camelídeos (sublinhado nosso): «**ruminant**: An animal that chews the cud; any of a group of artiodactyl mammals (including bovids, camels, and deer) that have four (or three) stomachs and can digest cellulose». Tenha-se em conta que, além dos citados acima, animais como os camelídeos e alguns cangurus também *ruminam* o alimento e, portanto são *ruminantes* (sentido *fisiológico* da palavra), mas só são *ruminantes*, no sentido de pertencentes ao táxon Ruminantia (sentido *sistemático* ou *filogenético* da palavra), os Tragulidae, os Giraffidae, os Bovidae, os Cervidae, os Moschidae e os Antilocapridae.

2.2.2.3. Enunciação rigorosa dos caracteres associados aos táxones

Não corresponde aos objetivos deste trabalho abordar em profundidade o estudo dos caracteres zoológicos que devem incorporar-se (como núcleo ou como informação enciclopédica) às definições de vozes designativas de (grupos de) animais nos dicionários gerais de referência. No entanto, sim valerá a pena realizarmos aqui, a partir de um levantamento de deficiências detetadas na definição das vozes analisadas na secção anterior, uma *categorização dos problemas* que, a respeito da enunciação de caracteres, podem registar-se e uma *avaliação tentativa do rigor* exibido nesse capítulo pelos nossos três dicionários. A seguir, classificamos as deficiências aludidas nas epígrafes «enunciação de caracteres insuficiente» e «enunciação de caracteres que contém informação falsa». Centramos aqui a nossa atenção em caracteres de tipo *inerente* associados aos táxones⁴⁹, como os estruturais, os etológicos, o *habitat* e a distribuição geográfica.

a) *Enunciação de caracteres insuficiente*

Os casos de *insuficiência evidente* na enunciação de caracteres associados aos táxones que registamos na nossa amostra de vozes decorrem de uma concentração excessiva na informação taxonómica, com descuido da informação estrutural (v. *supra* nota 39), e, sobretudo, do esquecimento de certos traços dos animais que, de facto, são os mais relevantes para a caracterização (e classificação) dos táxones ou, então, de uma indevida focagem, vaga ou localista, da distribuição geográfica (atual) dos táxones, atenta exclusivamente ao domínio geográfico português ou brasileiro ou espanhol⁵⁰:

Insuficiência global da enunciação de caracteres

DACL:

s. v. ‘peixe-boi’: «[...] Mamífero aquático da família dos triquequídeos, muito frequente nas costas atlânticas».

s. v. ‘torcicolo’: «[...] Ave trepadora da família dos picídeos (*Mynx torquilla*, Lin. [*sic*]) também conhecida por *papa-formigas*».

DH:

s. v. ‘aranha’: «[...] design. comum a todas as spp. de artrópodes arácnidos, da ordem dos araneídeos, de aspecto e proporções variadas [Várias spp. dispõem de glândulas na extremidade posterior do abdome que produzem seda para a construção de teias]»⁵¹.

⁴⁹ No *DACL*, a enunciação de caracteres que nas definições constitui *informação enciclopédica* é marcada explicitamente com o tipo itálico; no *DH*, ela é situada entre colchetes, e no *DRAE*, disposta a seguir a um ponto.

⁵⁰ A este respeito, um exemplo muito eloquente de informação geográfica insuficiente é o constituído pela definição de *rabilargo* (= port. *pega-azul*) no *DRAE*, a qual *oculta* que este corvídeo apresenta uma curiosa distribuição geográfica, pois ele só ocorre na Península Ibérica e no Extremo Oriente: «Pájaro de unos cuatro decímetros de largo y cinco de envergadura, con plumaje negro brillante en la cabeza, azul claro en las alas y la cola, y leonado en el resto del cuerpo. Abunda en los encinares de España, y sus costumbres son muy parecidas a las de la urraca».

⁵¹ Cf. *DRAE* s. v. ‘araña’: «[...] Arácnido con tráqueas en forma de bolsas comunicantes con el exterior, con cefalotórax, cuatro pares de patas, y en la boca un par de uñas venenosas y otro de apéndices o

*Insuficiência na indicação de caracteres-chave**DACL:*

s. v. 'andorinhão': «[...] Ave migratória semelhante à andorinha, apesar de maior, da família dos apodídeos, também conhecida por *ferreiro*, *gaivão*, *pedreiro*...» [carácter-chave: patas incapazes de sustentação e voo contínuo].

s. v. 'chapim': «[...] Nome vulgar de uma ave passeriforme, da família dos parídeos (*Parus*, Lin.), de que existem várias espécies, vulgar em Portugal e bastante útil à agricultura, por consumir grandes quantidades de insectos nocivos, que faz, geralmente, o ninho nas cavidades das árvores e nos buracos das paredes» [faltam caracteres de tipo estrutural!]⁵²

s. v. 'gorgulho': «[...] Designação extensiva aos insectos coleópteros (*Curculionidae*), (*Bruchidae*), (*Anthribidae*), parasitas das sementes armazenadas» [carácter-chave: rostro prolongado]

s. v. 'melro' → só se informa sobre o aspeto do macho, e não sobre o da fêmea (dimorfismo sexual!)

s. v. 'orca': «ataca especialmente peixes de grande porte» [há populações de orcas que caçam preferentemente mamíferos marinhos!]

s. v. 'picanço' → não se informa da sua dieta carnívora, nem do hábito de empalar em espinhos algumas presas

s. v. 'pica-pau': «Designação vulgar de aves trepadoras piciformes da família dos picídeos [...] de bico forte e alongado, também conhecidas por *cavalinho*, *peto-real*, *picanço* e *rinchão*. *O pica-pau usa o seu bico característico para retirar do córtex das árvores os insectos e as larvas com que se alimenta*» [carácter-chave: martela os troncos e ramos das árvores com o bico, para capturar insetos]

s. v. 'vertebrados' → falta indicação da presença de crânio que protege o encéfalo

DH:

s. v. 'ácaro': «[...] design. comum a todas as spp. de arácnidos da ordem dos acarinos, que inclui formas terrestres e aquáticas, esp. mais numerosas que outros artrópodes no solo e em restos orgânicos» [caracteres-chave: fusão de cefalotórax e abdómen + frequentemente parasitários]

s. v. 'torcicolo' → não se consigna que a ave, quando irritada, torce ou gira o pescoço

DRAE:

s. v. 'pájaro carpintero': «[...] Ave trepadora, de plumaje negro manchado de blanco en las alas y cuello; pico largo y delgado, pero muy fuerte. Se alimenta de insectos, que caza entre las cortezas de los árboles» [v. *supra* 'pica-pau']

s. v. 'pulga': «Insecto del orden de los Dípteros, sin alas, de unos dos milímetros de longitud, color negro rojizo, cabeza pequeña, antenas cortas y patas fuertes, largas y a propósito para dar grandes saltos» [caracteres-chave: parasita hematófago assente sobre a pele de mamíferos e aves]

*Incompletude na delimitação da distribuição geográfica ou do habitat de um táxon**DACL:*

s. v. 'abelharuco' → Ø [grupo presente no Velho Mundo e Austrália]

s. v. 'chapim': «vulgar em Portugal» [hemisfério Norte]

s. v. 'gaio': «comum em Portugal e na Europa em geral» [*Garrulus glandarius*, espécie euro-asiática]

s. v. 'gínetas' → Ø [África e Sul da Europa]

s. v. 'gnu': «que habita especialmente o Sul de África» [África do Leste e meridional]

s. v. 'lampreia' → Ø [lampreia-marinha: águas costeiras e rios do Atlântico Norte; lampreia-dos-rios: rios (e águas costeiras) da Europa]

s. v. 'melro': «muito comum em Portugal» [espécie euro-asiática e norte-africana]

palpos que en los machos sirven para la cópula. En el extremo del abdomen tiene el ano y las hileras u órganos productores de la seda con la que tapiza su vivienda, caza sus presas y se traslada de un lugar a otro».

⁵² Cf. *SOED* s. v. 'tit' (sublinhado nosso): «[...] 3 A small active passerine bird of the genus *Parus* or the family Paridae, mainly of the northern hemisphere. Also (in comb. or w. qualifying wd), any of various similar small birds of other families. E18. 3 *bearded tit*, *blue tit*, *bush-tit*, *coal-tit*, *long-tailed tit*, *marsh tit*, *penduline tit*, *scrub-tit*, *shrike-tit*, *Siberian tit*, *willow tit*, etc. **great tit** a common tit, *Parus major*, of Eurasia and N. Africa, with a black and white head, greyish wings, and yellow underparts».

- s. v. 'peixe-boi': «muito frequente nas costas atlânticas» [não se consigna a sua restrição às regiões tropicais e a sua presença nos meios lacustre e fluvial: v. *infra* 'manati']
 s. v. 'piolho' → parasita de mamíferos [tb. de aves!]
 s. v. 'rabirruivo': «frequente em Portugal» [espécies euro-asiáticas e norte-africanas]
 s. v. 'tentilhão': «frequente na Europa» [tentilhão-comum na Europa, Ásia nor-ocidental, África nor-ocidental e Macaronésia]
 s. v. 'torcicolo' → Ø [Europa, África e Ásia]

DH:

- s. v. 'peixe-boi' → não se inclui na distribuição geográfica a África (peixe-boi-africano)

DRAE:

- s. v. 'abejaruco': «abunda en España» [v. *supra* 'abelharuco']
 s. v. 'arrendajo': «abunda en Europa» [v. *supra* 'gaio']
 s. v. 'colirrojo' → Ø [v. *supra* 'rabirruivo']
 s. v. 'golondrina': «muy común en España» [grupo de distribuição cosmopolita]
 s. v. 'herrerillo': «bastante común en España» [v. *supra* 'chapim']
 s. v. 'jineta' → Ø [v. *supra* 'gineta']
 s. v. 'lamprea' → Ø [v. *supra* 'lampreia']
 s. v. 'manatí': «Vive cerca de las costas del Caribe y en los ríos de aquellas regiones» [inclusão das Caraíbas (peixe-boi-caribe: *Trichechus manatus*) e exclusão da bacia amazônica (peixe-boi-da-amazônia: *T. ininguis*) e dos rios e águas costeiras da África Ocidental (peixe-boi-africano: *T. senegalensis*)]⁵³
 s. v. 'mirlo' → Ø [v. *supra* 'melro']
 s. v. 'ñu': → África do Sul [África do Leste e meridional]
 s. v. 'piojo' → parasita de mamíferos [v. *supra* 'piolho']
 s. v. 'pinzón': «abunda en España» [v. *supra* 'tentilhão']
 s. v. 'serpiente de anteojos' → Ø [cobras-capelo, na África e Ásia]
 s. v. 'torcecuello': «Es ave de paso en España» [v. *supra* 'torcicolo']

Mais uma vez, constatamos aqui que o melhor desempenho lexicográfico corresponde ao *DH*, já que, na nossa amostra, ele apresenta só 4 casos de enunciação insuficiente de caracteres, enquanto o *DRAE* apresenta 16, e o *DACL*, 22. No *DACL*, são relativamente numerosas as lacunas no capítulo dos caracteres-chave (8), e a insuficiência da informação geográfica peja sensivelmente, por localismo injustificado, tanto o *DACL* (12 casos) como o *DRAE* (14 casos).

b) Enunciação de caracteres que contém informação falsa

A inclusão no seio da enunciação dos caracteres associados a um táxon de elementos informativos falsos representa uma das maiores contravenções do ideal de rigor conceptual que deve nortear a redação das definições de vozes designativas de táxones zoológicos. A seguir, no nosso levantamento de incidências neste capítulo, classificamos tais informações falsas nas rubricas «caracteres estruturais», «caracteres etológicos» e «*habitat* e distribuição geográfica»:

⁵³ O tratamento lexicográfico e a reflexão lexicográfica sobre os sirénios que até agora tem tido lugar em Espanha pode qualificar-se de *azarenta*, já que, para além do problema que se acaba de apontar, a última edição do *DRAE* não inclui ainda o dugongo (*Dugong dugon*); Rafael Alvarado, no seu discurso de ingresso na RAE (1982: 100), confunde o peixe-boi-africano (das costas atlânticas) com o dugongo (habitante do Índico e do Pacífico ocidental) e, finalmente, Luz Fernández Gordillo, nas páginas desta mesma revista (2005-2006: 126, n. 19), atribui ao dugongo o nome científico do peixe-boi-africano.

*Informação falsa relativa a caracteres estruturais**DACL:*

s. v. 'lesma': «de casca muito reduzida e escondida sob o manto» [concha reduzida ou ausente, exterior ou interior]⁵⁴

s. v. 'mamíferos': «com mamas» [todos os mamíferos possuem glândulas mamárias, mas os monotremados carecem de mamas, e as suas crias lambem, em vez de sugarem, o leite exsudado pela mãe através de poros cutâneos]

s. v. 'pulga': «Nome vulgar dado a várias espécies de insectos dípteros, saltadores, parasitas do homem e de outros animais [...]» [as pulgas são insetos ápteros!]

s. v. 'ruminante': «estômago com quatro cavidades» [estômago de 3 (Tragulidae) ou 4 (Giraffidae, Bovidae, Moschidae, Cervidae e Antilocapridae) cavidades: cf. Westheide e Rieger, 2004: 623]

DH:

s. v. 'lesma': «providos de concha pequena, recoberta pelo manto» [v. *supra* 'lesma']

s. v. 'vertebrado: vertebrados': «caracterizados pela presença de coluna vertebral segmentada» [há membros do táxon Vertebrata que carecem de vértebras: os Myxinoidea, Petromyzontida, Holocephali, Acipenseridae, Actinistia e Dipnoi: cf. Westheide e Rieger, 2004: 44]⁵⁵

DRAE:

s. v. 'babosa': «sin concha» [v. *supra* 'lesma']

s. v. 'cobra' (s. v. 'cobra': → *serpiente de anteojos*): «[s. v. 'serpiente de anteojos']: Reptil venenoso del orden de los Ofidios, de más de un metro de longitud, cabeza que se endereza verticalmente y, sobre el disco que pueden formar las costillas detrás de la cabeza, un dibujo en forma de anteojos» [Nem todas as cobras-capelo apresentam um desenho em forma de óculos no dorso do capuz, apenas a cobra-capelo-indiana ou naja-indiana, *Naja naja*!]

s. v. 'mamífero': «cuyas crías son alimentadas por las hembras con la leche de sus mamas» [v. *supra* 'mamíferos']

s. v. 'ruminante': «tienen el estómago compuesto de cuatro cavidades» [v. *supra* 'ruminante']

s. v. 'vertebrado': «animales cordados que tienen esqueleto con columna vertebral» [v. *supra* 'vertebrado: vertebrados']

*Informação falsa relativa a caracteres etológicos**DACL:*

s. v. 'lesma': «que se alimenta de detritos vegetais em decomposição e de folhas verdes» [além de fitófagas e detritívoras, há lesmas carnívoras, como as do gén. *Testacella*]

DH:

s. v. 'lampreia: lampreia-dos-rios' → não parasitária [parasitária]

⁵⁴ Eis a definição de 'lesma' que oferece o dicionário taxonómico de Garrido (inédito): «Diz-se dos moluscos gastrópodes, não estreitamente aparentados entre si, que não apresentam concha (externa) ou produzem uma concha muito reduzida. São lesmas: **1** Lesmas-terrestres: Entre os gastrópodes pulmonados, grado (não clado) de desenvolvimento evolutivo ou estágio morfológico e ecológico a que têm chegado (mediante o processo filogenético, não ontogenético, da *limacização*) diversas estirpes laxamente aparentadas (várias famílias da ordem Sigmurethra), caracterizado pela ausência ou grande redução da concha (frequentemente interna, localizada sob o escudo como placa cônica ou lenticular, ou, se externa, ela já não pode alojar a totalidade do corpo do animal em retração), o alongamento e estilização do cefalopódio (cabeça + pé + saco visceral) e o deslocamento da massa visceral de uma posição elevada (sob o manto e no interior da concha) para uma posição basal ao longo do pé (que já não é maciço nem inteiramente muscular como nos caracóis)».

⁵⁵ Definição correta em relação à presença de vértebras nos Vertebrados é a oferecida pelo *DACL* (se bem que, nela, falte o carácter-chave do crânio): «**vertebrados** [...] Grande divisão do reino animal, composta por animais possuidores de esqueleto ósseo ou carti[la]ginoso, quase sempre com vértebras individualizadas que constituem a coluna vertebral».

Informação falsa relativa ao habitat ou à distribuição geográfica de um táxon

DACL:

s. v. 'golfinho' → só espécies marinhas [marinhos e dulciaquícolas]

s. v. 'lontra' → só espécies fluviais e lacustres [tb. alguma espécie marinha!]

DH:

s. v. 'golfinho' → só espécies marinhas [marinhos e dulciaquícolas]

s. v. 'lampreia: lampreia-dos-rios' → EUA e Canadá [Europa]⁵⁶

DRAE:

s. v. 'delfín' → só espécies marinhas [marinhos e dulciaquícolas]

s. v. 'nutria' → só espécies fluviais [tb. alguma espécie marinha!]

Na nossa amostra, o número de ocorrências de informação falsa é semelhante nos três dicionários (*DACL*, 7 casos; *DH*, 5; *DRAE*, 7). Ao respeito, cabe salientar que a maioria desses deslizos, tanto os respeitantes aos caracteres estruturais e etológicos como ao *habitat*, advém do estabelecimento nas definições de *generalizações indevidas*, ao declararem-se extensivos a todo um táxon (a todos os representantes do táxon) caracteres próprios de só parte das espécies, as prototípicas ou mais bem conhecidas, do grupo correspondente (ex.: todas as lesmas carecem de concha [externa]; todos os golfinhos são marinhos; todas as lontras são fluviais ou lacustres). Pelos vistos, incorrer nestas indevidas generalizações ou simplificações é especialmente provável naqueles casos em que o nome de um táxon reflete uma característica que não é extensiva a todos os componentes do grupo, como acontece, na nossa amostra, com *Mamíferos* e *Vertebrados*⁵⁷.

3. CONCLUSÕES

Integrando conhecimentos de lexicografia e de taxonomia ou sistemática biológica, o presente trabalho, por um lado, compendia os fundamentos da zoonímia e os aspetos basilares do tratamento lexicográfico das vozes designativas de táxones ou grupos zoológicos, e, por outro lado, realiza uma descrição e avaliação, baseada na extração e análise de amostras, de tal tratamento lexicográfico nos três dicionários gerais de referência das línguas portuguesa e espanhola (o *DACL*, o *DH* e o *DRAE*).

A partir do estudo aqui acometido, e assumindo como critérios de qualidade do labor lexicográfico neste domínio a abrangência e representatividade, o rigor conceptual, a correção formal e a clareza expositiva, chegamos à conclusão geral de que, das três obras mencionadas, só o *DH* apresenta hoje um tratamento satisfatório, solvente e efi-

⁵⁶ Fora já da nossa amostra, é curioso o caso da definição de Silvídeos no *DH* (s.v. 'silvídeo: silvídeos'), pois, tratando-se de uma família de pássaros exclusiva do Velho Mundo, dos silvídeos aí se diz que são «exclusivamente neotropicais».

⁵⁷ Um outro exemplo é *Tetrápodes*, táxon que inclui, além de quadrúpedes, também animais (secundariamente) ápodos, como os ofídios e alguns sáurios. Por conseguinte, é interessante termos em conta que se, nalguns casos, nem todos os membros de um táxon apresentam o carácter saliente refletido no nome do táxon, noutros casos, como vimos antes, há animais alheios a um táxon que apresentam o carácter refletido no nome desse táxon (ex.: os camelídeos ruminam, mas não pertencem à subordem Ruminantes dos Artiodáctilos).

caz, das vozes designativas de táxones zoológicos, homologável ao dispensado pelos grandes dicionários normativos e de cultura das principais línguas europeias.

Com efeito, no relativo à extensão do acervo de vozes designativas de táxones zoológicos incorporados à nomenclatura, enquanto o *DH* se mostra, em geral, abrangente e representativo, o *DACL* e o *DRAE* manifestam consideráveis lacunas (sobretudo nas denominações vernáculas eruditas e nas paracientíficas) e patentes incoerências na seleção dos lemas. No relativo à cobertura da variação diatópica da zoonímia, o *DH* e o *DRAE* procedem adequadamente, incorporando com generosidade os nomes populares peculiares, respetivamente, da vertente europeia ou americana do português e do espanhol, mas não assim o *DACL*, que apresenta um notável défice no registo de americanismos; em qualquer caso, nenhum dos três dicionários enriquece o registo dos americanismos e lusitanismos mediante restrição específica, e tanto o *DACL* como o *DH* desconsideram com frequência os contrastes semânticos que alguns nomes populares apresentam entre Portugal e o Brasil. Quanto à estrutura dos verbetes, o mais salientável é, por um lado, o ótimo arranjo dos nomes paracientíficos designativos de táxones supragenéricos no *DH*, que facilita a sua consulta e a sua correta interpretação, e, por outro lado, a inconveniente disposição de tais denominações no *DACL*, antieconómica e suscitadora de confusão.

Já no âmbito da microestrutura, assinalam-se no trabalho, em primeiro lugar, uma série de defeitos que, no relativo à formulação dos lemas e à organização dos sentidos, mostram os três dicionários nos artigos encabeçados por denominações paracientíficas de grupos supragenéricos. Em segundo lugar, analisam-se os três dicionários a respeito da redação das definições. Desse escrutínio resulta que o *DH* utiliza com correção os nomes científicos de géneros e espécies, que o *DACL* os grafa frequentemente de modo incorreto e que o *DRAE*, além de nunca empregar tais nomes científicos, em muitos casos apresenta uma nomenclatura taxonómica desatualizada. Em relação à *informação taxonómica* presente nas definições, o rigor corresponde ao *DH*, pois ele é que oferece *classificações* mais exatas, enquanto o *DACL* e, sobretudo, o *DRAE* enfermam de bastante imprecisão; a *identificação taxonómica* apresenta rigor aceitável no *DH*, mas ela é fraca no *DACL*, e extremamente deficiente no *DRAE*, que desiste de utilizar denominações científicas ou paracientíficas de táxones supragenéricos e denominações científicas de táxones genéricos e específicos; por sua vez, a *especificação taxonómica* volta a ser correta no *DH*, mas ela é pobre no *DACL*, e praticamente inexistente no *DRAE*. Por último, no relativo à *enunciação de caracteres*, o melhor desempenho lexicográfico também corresponde ao *DH*, já que ele se vê afligido em menor medida que o *DRAE* e que o *DACL* por insuficiências e lapsos (estes, causados por indevidas generalizações), uma vez que tanto o *DRAE* como o *DACL* costumam oferecer informação incompleta, determinada por uma injustificada visão localista, sobre a distribuição geográfica dos grupos, e que o *DACL* regista bastantes lacunas na indicação de caracteres-chave.

À vista desta diagnose, pode concluir-se que o *DH* mostra um alto padrão de qualidade no respeitante ao tratamento dos táxones zoológicos, como é de esperar de um empreendimento lexicográfico que incorpora na sua equipa editorial vários colaboradores externos especialistas em Zoologia (citados na secção «Equipe Editorial»). Não obstante o dito, o *DH* é ainda suscetível de melhoramento no capítulo da zoonímia me-

diante uma *ligeira revisão* que preste atenção, sobretudo, aos seguintes aspetos: maior incorporação de nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de nomes populares, especialmente de lusitanismos; melhor registo dos contrastes semânticos existentes entre os zoónimos populares portugueses e brasileiros; unificação do estatuto dos lemas constituídos por nomes vernáculos eruditos surgidos por restrição específica de nomes populares; inclusão nas definições dos nomes científicos dos táxones supragenéricos; incremento da precisão da identificação taxonómica presente nas definições, evitando indevidas restrições focalizadas num protótipo; melhoria da especificação taxonómica das definições no caso das vozes cuja correspondência taxonómica não consiste num único táxon; evitação, enfim, de certas generalizações indevidas, baseadas em protótipos, na enunciação de caracteres.

A meio caminho entre o *DH* e o *DRAE*, a qualidade do tratamento dos táxones zoológicos no *DACL* é manifestamente melhorável, mediante *revisão profunda*, nos seguintes aspetos globais: é necessária uma maior incorporação de nomes vernáculos populares (sobretudo americanos), de nomes vernáculos eruditos e de nomes paracientíficos; devem ser revistos os nomes científicos de géneros e espécies, agora frequentemente errados; revela-se indispensável incrementar o rigor da informação taxonómica presente nas definições, especialmente o das identificações, e o da enunciação de caracteres, particularmente no capítulo dos caracteres-chave e no da informação geográfica.

Os problemas do *DRAE* em relação ao tratamento dos táxones zoológicos são graves e só mediante uma *substancial reelaboração* achamos que poderão vir a ser solucionados. Nomeadamente, revela-se indispensável que este dicionário, de harmonia com os seus homólogos das principais línguas europeias de cultura, passe a incorporar um maior caudal de nomes vernáculos eruditos (entre os quais, os surgidos por restrição específica de americanismos) e de nomes paracientíficos de relevância lexicográfica (todos os filós, grupos de alta categoria pertencentes aos Artrópodes, famílias de aves e mamíferos...); que atualize a nomenclatura taxonómica e que passe a utilizar nomes científicos de, pelo menos, géneros e espécies; e, em ligação com o anterior, que ofereça nas suas definições informação taxonómica mais rigorosa e uma enunciação de caracteres mais precisa, evitando classificações laxas ou erradas, fornecendo identificações e especificações (que, na presente altura, o *DRAE* quase não dá!) e evitando indevidas restrições por focalização em protótipos.

Acrescentamos aqui, portanto, a nossa voz à de todos aqueles lexicógrafos que, em diversas ocasiões e em diferentes âmbitos (mesmo, como vimos, no seio da RAE), se têm pronunciado por uma modernização e melhoramento do *DRAE* no domínio do vocabulário científico e, em particular, no da Biologia e Sistemática⁵⁸. Trata-se, no fundo,

⁵⁸ Por exemplo, uma das últimas e claras exortações em tal sentido é a de Juan Gutiérrez Cuadrado (2002: 313, 314): «Pero la necesidad de aceptar y normalizar los neologismos, más o menos opinable, se hace absolutamente inaplazable con los neologismos científicos. La inclusión en todos los periódicos del mundo hispánico de páginas de divulgación científica y la extensión de nuevas técnicas y nuevos instrumentos entre capas relativamente amplias de la población obligan a un trabajo de organización, definición y coordinación del léxico contemporáneo, léxico absolutamente imprescindible en un diccionario de lengua actual, tal como puede comprobarse en los nuevos diccionarios de las principales lenguas europeas de cultura».

de que o *DRAE*, enveredando de modo consequente por um caminho já indiciado na sua última edição —que, como ressalta Gutiérrez Cuadrado (2002: 300), pela primeira vez menciona no seu *peritexto autorial* o Instituto de Lexicografia e os colaboradores externos—, venha definitivamente a modernizar, em primeiro lugar, os seus critérios, abrindo-se de modo generoso e representativo ao campo científico e ao seu léxico, e, em segundo lugar, e consequentemente, também os seus métodos de trabalho, o que, em essência, como salienta Béjoint (1988: 366), requer de uma seleção de lemas e de uma redação de definições feitas em frutífera parceria pelo especialista em lexicografia e pelo especialista no correspondente domínio científico.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARADO, Rafael (1982): *De Nomenclatura: juxta praeceptum aut consensu biologorum (tecnicismos, cultismos, nombres científicos y vernáculos en el lenguaje biológico). Discurso leído el 25 de abril de 1982 en el acto de su recepción pública por el Excmo. Sr. Don Rafael Alvarado Ballester y contestación por el Excmo. Sr. Don Pedro Laín Entralgo*, Madrid, Real Academia Española.
- (1983): «Los nombres de los taxones y su españolización; estudio del problema sobre un caso práctico», *Boletín de la Real Academia Española*, LXIII, pp. 227-239.
- ATKINS, B. T. Sue (2008): «Theoretical lexicography and its relation to dictionary-making», em Thierry Fontenelle, org., *Practical Lexicography. A Reader*, Oxford, Oxford University Press, pp. 31-50. Reprodução a partir de B. T. Sue Atkins (1993) em *Dictionaries: the Journal of the Dictionary Society of North America*, 14, pp. 4-43.
- BÉJOINT, Henri (1988): «Scientific and Technical Words in General Dictionaries». *International Journal of Lexicography*, 1, 4, pp. 354-368.
- BURNIE, David, dir. (2002): *Grande Enciclopédia Animal*, trad. por Sofia Gomes e Filipe Machado, Porto, Dorling Kindersley/Civilização Editores.
- COLLINI, Stefan (2010 [1993]): «Introduction», em Charles P. Snow, *The Two Cultures*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. VII-LXXIII.
- FERNÁNDEZ GORDILLO, Luz (2005-2006): «Los americanismos en el *Diccionario de Autoridades*. Tratamiento y repercusiones de algunos de éstos en la trayectoria de las distintas ediciones del *DRAE*», *Revista de Lexicografía*, XII, pp. 121-158.
- FONTOVA I HUGAS, Glória e Dolors MONTES PÉREZ (2002): «Retos neológicos en el establecimiento de las denominaciones vulgares de la zoología y la botánica», em M. Correia, org., *Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional/Terminología, desarrollo e identidad nacional. Atas do VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*, Lisboa, Edições Colibri-Instituto de Linguística Teórica e Computacional, pp. 457-472.
- GAGO JOVER, Francisco (2002-2003): «[Resenha de] Antônio Houaiss, Mauro de Salles Villar y Francisco Manoel de Mello Franco (eds.) (2001): *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. CD-ROM. Rio de Janeiro, Editora Objetiva», *Revista de Lexicografía*, IX, pp. 191-199.

- GARRIDO, Carlos (1998): «La traducción al español de las designaciones alemanas de grupos taxonómicos», em L. Félix Fernández e E. Ortega Arjonilla, org., *II Estudios sobre Traducción e Interpretación*, Málaga, Universidad de Málaga, III, pp. 1057-1063.
- (2000): «Traducción de los nombres vernáculos ingleses de animales en los textos de divulgación científica», em A. Beeby, D. Ensinger e M. Presas, org., *Investigating Translation*, Amesterdão-Filadélfia, John Benjamins, pp. 251-260.
- (inédito): *Dicionário de Zoologia e Sistemática dos Invertebrados. Português, Inglês, Alemão, Espanhol*, São Paulo, Universidade de São Paulo.
- e Carles RIERA (2011² [2000]): *Manual de Galego Científico. Orientaços Linguísticas*, Santiago de Compostela, Através Editora.
- GUTIÉRREZ CUADRADO, Juan (2002): «El nuevo rumbo de la vigésima segunda edición (2001) del *Diccionario de la lengua española* de la Real Academia», *Revista de Lexicografía*, VIII, pp. 297-319.
- LANDAU, Sidney I. (1984): *Dictionaries. The Art and Craft of Lexicography*, Nova Iorque, Charles Scribner's Sons.
- MALACA CASTELEIRO, João, dir. (2009): *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- NAVARRO, Fernando A. (2005 [2000]): *Diccionario crítico de dudas inglés-español de medicina*, Madrid, McGraw-Hill-Interamericana.
- PARDOS, Fernando (2004): «La taxonomía biológica: problemas lexicográficos y de traducción», *Panace@*, 17-18, pp. 244-247.
- REY, Alain (1985): «La Terminologie dans un dictionnaire général de la langue française: le *Grand Robert*», *Termnet News*, 14, pp. 5-7.
- SAUERMOST, Rolf, dir. (1999-2004): *Lexikon der Biologie*, Heidelberg, Spektrum Akademischer-Elsevier.
- VON IHERING, Rodolpho (2002² [1940]): *Dicionário dos Animais do Brasil*, ed. rev. por D. Wilches Monsores, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Difel.
- WESTHEIDE, Wilfried e Reinhard RIEGER, org. (2004): *Spezielle Zoologie. Teil 2: Wirbeloder Schädeltiere*, Heidelberg, Spektrum Akademischer-Gustav Fischer.